

ILUSTRAÇÃO



3.º ANO
NÚMERO 53

Lisboa, 1 de Março de 1928

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

PREÇO

4500

VERAMON



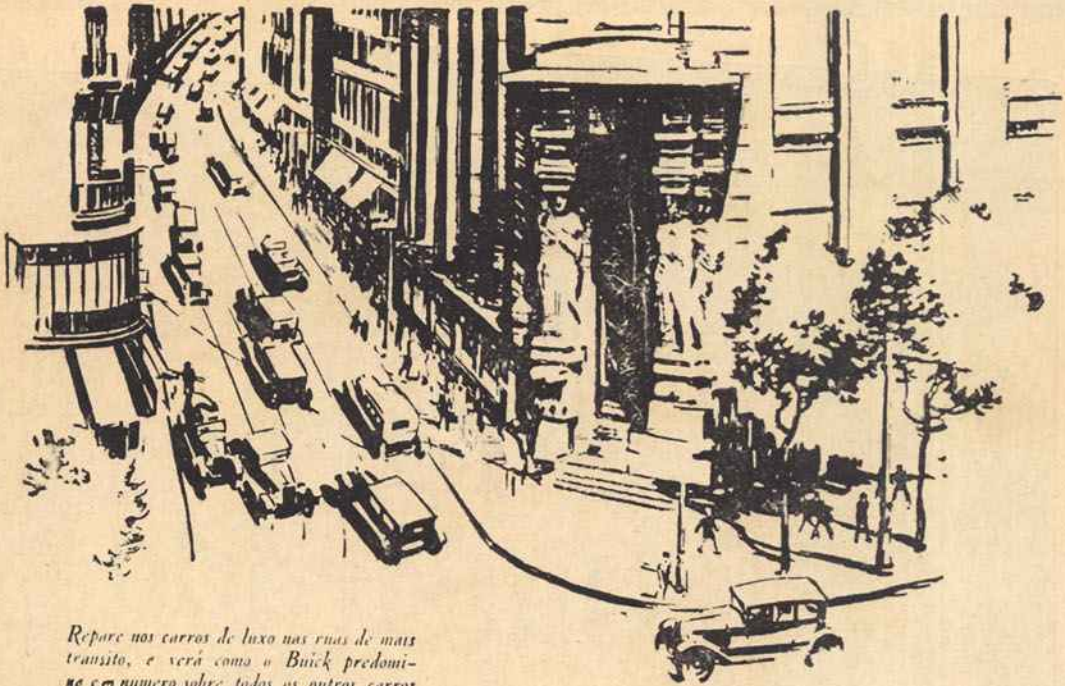
WINGENBACH



**Se sofre de dôres
é porque o quer.**

Tomando um ou dois comprimidos de VERAMON-SCHERING desaparecerão rapidamente suas dôres da cabeça, dos dentes assim como os incômodos da menstruação. O Veramon não produz sono, nem ataca o coração. Aceite só o empacotamento original: tubos de 10 e 20 cômpr. de 0,4 gr.

Chemische Fabrik auf Actien (vorm. E. SCHERING.), Berlin N. 39



Repere nos carros de luxo nas ruas de mais transito, e verá como o Buick predomina em numero sobre todos os outros carros

A APRESENTAÇÃO DO BUICK É O QUE NÊLE MAIS ATRÁI

125 donos nol-o afirmam

PERGUNTOU-SE a 163 donos do Buick quais eram as características que mais fortemente influíram nêles para que comprassem este carro. 75 por 100 disseram que era a sua belêsa de linhas e a qualidade da sua apresentação geral

Como carro de cidade, tem entre os carros de luxo um lugar de preferencia. Para turismo é o seis cilindros de maior popularidade, e toda a gente o inclui entre os carros de alta categoria

A potencia e solidez do motor deram ao Buick uma reputação segura por seu perfeito funcionamento durante anos seguidos. As

suas vendas, que aumentam de dia en dia, mostram a confiança dos compradores.

Tendo uma comodidade suprema e um motor de marcha suave e silenciosa em qualquer velocidade é o carro ideal para estrada pela sua segurança e pela facilidade que ha em guiá-lo.

Visite o concessionario do Buick que lhe esteja mais proximo, e êle lhe fará uma demonstração do carro novo modelo 1928.

GENERAL MOTORS PENINSULAR, S. A.

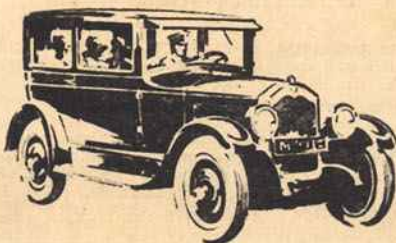
Fabrica: Granada, 33. — Madrid

CONCESSIONARIOS

Diniz M. d'Almeida

Avenida da Liberdade, 214 a 218

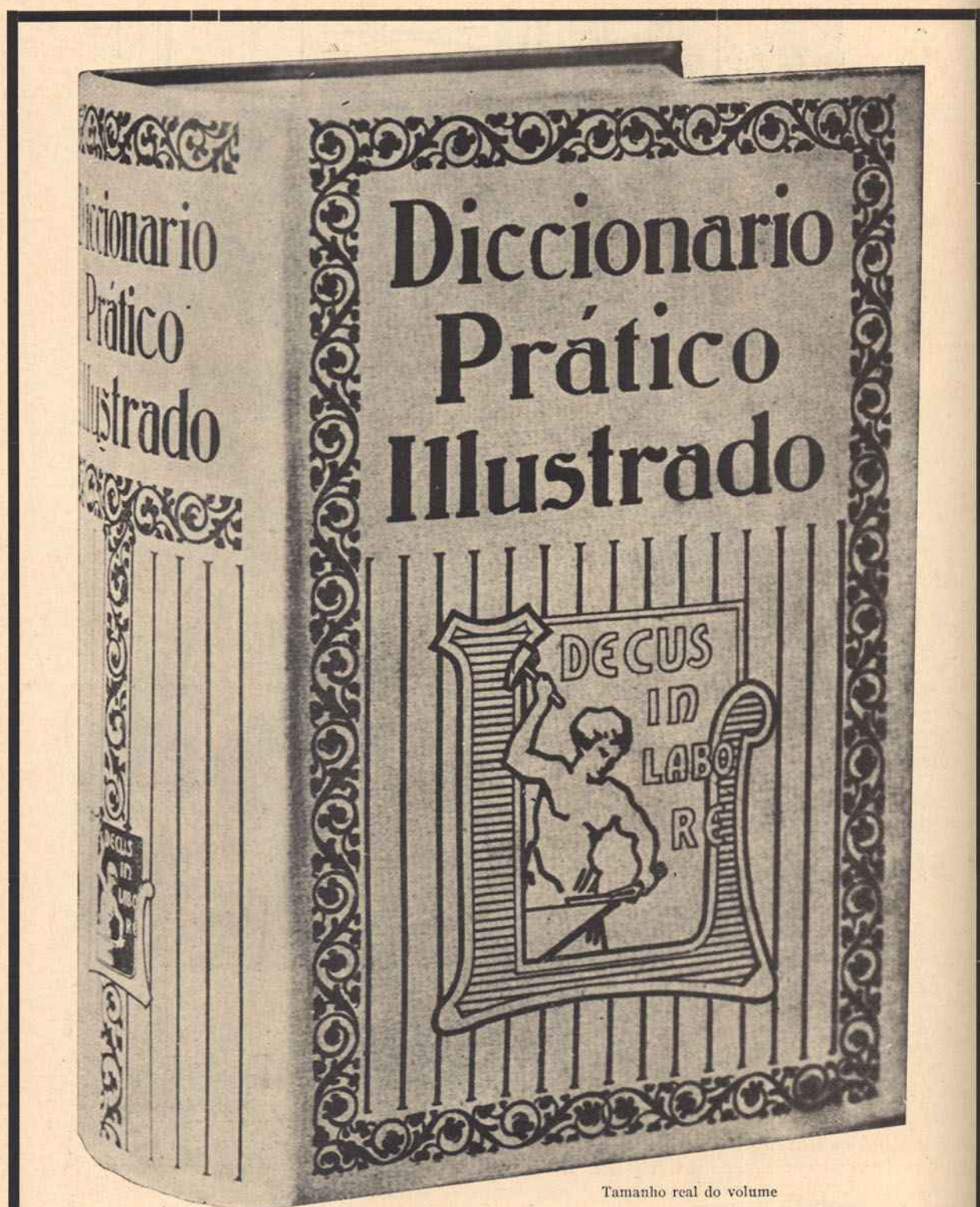
LISBOA



Cunhas & Almeida L.^{da}

Avenida dos Aliados, 75

PORTO



Tamanho real do volume

DICCIONÁRIO ENCICLOPÉDICO
LUSO-BRASILEIRO

publicado sob a direcção de JAIME DE SEGUIER
(Segunda edição revista)

LIVRARIA CHARDRON de Lelo & Irmão, Limitada — Editores
144 — Rua das Carmelitas — PORTO

DEPOSITÁRIOS EM LISBOA :

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND—R. Anchieta, 25

Língua portuguesa, Artes, Letras, Ciências, Sinónimos, Termos brasileiros, Locuções latinas e estrangeiras. Mais de vinte mil artigos de História, Biografia, Geografia, (particularmente de Portugal e Brasil). — Notícias bibliográficas relativas às obras capitais de todas as literaturas, especialmente da portuguesa e brasileira. — Mitologia, Monografias de obras de arte famosas. — 6.000 gravuras distribuídas no texto, 110 quadros enciclopédicos, 1.000 retratos de individualidades célebres, 90 mapas geográficos, 8 mapas a cores, etc. — Preço do volume encadernado, 40\$00. Pelo correio, registado, mais 4\$50.

EM AUTOMOBILISMO...
 ...A ULTIMA PALAVRA...
 ...O ULTIMO GRITO...

DONNET

O MODELO DE ESTILO
 EM 1928



Unicos representantes em Lisboa

SANTOS BEIRÃO, L.^{DA}

Rua 1.º de Dezembro,
 2-C, 2-D, 2-E, 4, 6, 8

“KAPPEL”



*A maquina de escrever mais resistente,
 mais perfeita e mais garantida
 no seu funcionamento*

PEÇAM DETALHES A

A GESTETNER, L.^{DA}

PORTO — Rua Passos Manuel 249
 Telefone N.º 1081

LISBOA — Rua da Conceição, 125
 Telefone: Central 320

Dôres do Estomago

alliviadas

com o

REGYL



**DIGESTÕES PENOSAS
 GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS**

Um comprimido depois de cada refeição.

A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS PORTUGUEZAS E BRAZILEIRAS

Laboratoires MILLET & GUILLAUMIN, 8, Rue Richer, PARIS

CORTEBERT

HORAS EXACTAS



Uma novidade!



**EAU DE
 COLOGNE
 AUX
 FLEURS
 DE
 GELLÉ FRÈRES
 PARIS**

*A preferida emanação
 da flor*

*de todas as flores
 de todos os continentes*

*El vende-se em todas as
 boas casas*

Agente em LISBOA: STETTEN & L.^{DA}
 Rua da Conceição, 125
 LISBOA



S. A. P. Serviços Aéreos Portuguezes, Ltd.
AVENIDA DA LIBERDADE, 3

Serviço aéreo entre LISBOA-MADRID
com aviões JUNKER'S completamente metálicos

Para Madrid: $\left\{ \begin{array}{l} 3.ª \text{ feira} \\ 4.ª \text{ feira} \end{array} \right\}$ 10,30 horas
Sábado

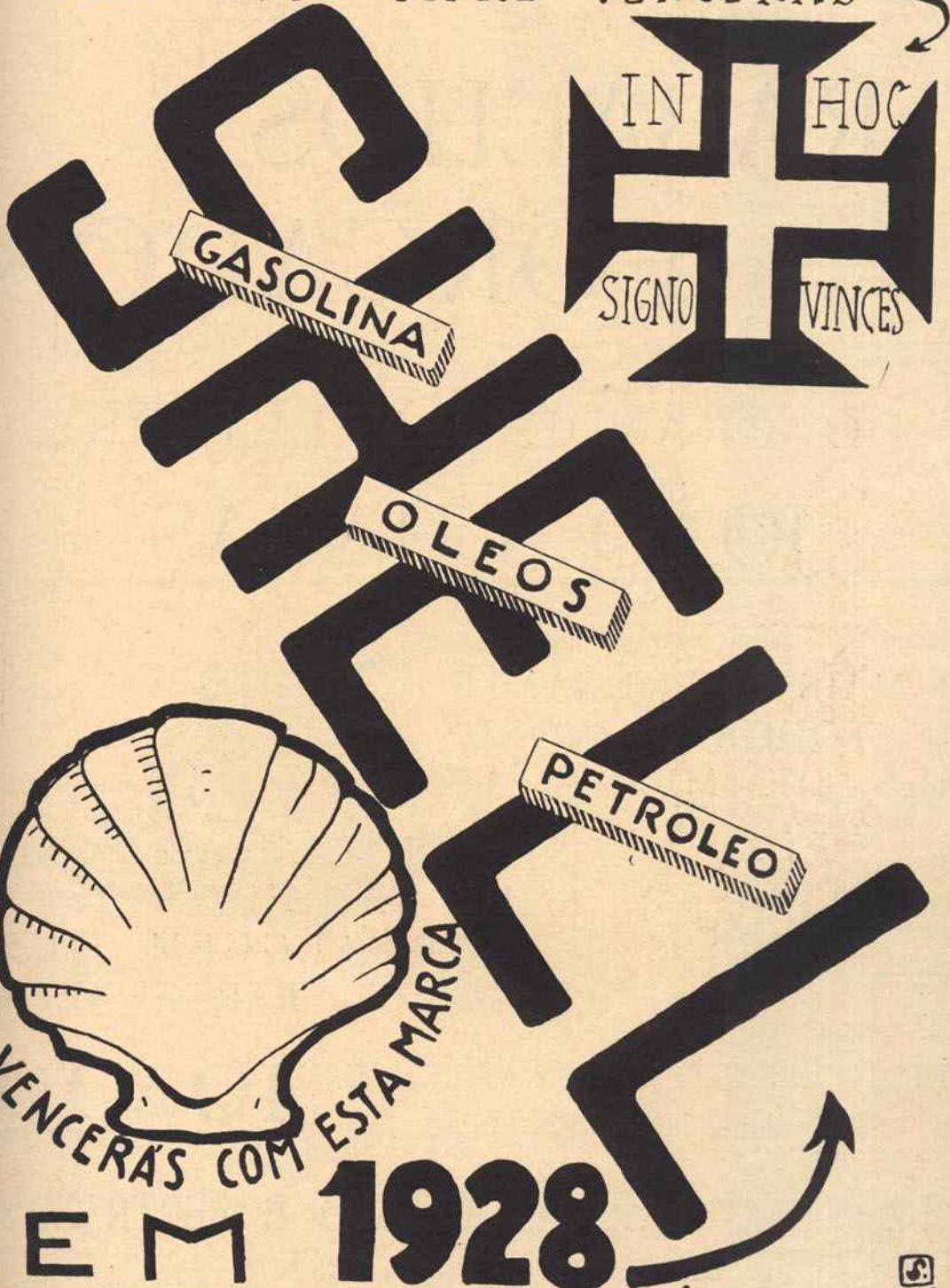
Avião: 4 horas

Combóio: 17 horas

Para informações dirigir-se a todas as agencias de vapores e de turismo bem como à sede da Companhia

EM 1498

COM ESTE SINAL VENCERÁS



VENCERÁS COM ESTA MARCA

EM 1928



LEIAM O FORMIDAVEL
EXITO LITERÁRIO

TRABALHOS FORÇADOS

DO GRANDE PANFLETÁRIO

JOÃO CHAGAS

O MAIS EMPOLGANTE
DE TODOS OS VOLU-
MES DE MEMÓRIAS

A REVOLUÇÃO DE 31
DE JANEIRO VISTA
POR ALGUÉM QUE
TOMOU PARTE NELA

EDIÇÃO DEFINITIVA EM 3 VOLUMES

Cada volume brochado

10\$00

PEDIDOS ÀS LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

LEIAM

O mais discutido dos livros

JESUS CRISTO EM LISBOA

OBRA PRIMA
DE PENSAMENTO MODERNO

POR

RAUL BRANDÃO

E

TEIXEIRA DE PASCOAIS

PEDIDOS ÀS LIVRARIAS

AILLAUD E BERTRAND

Chiado, 73 e 75 — LISBOA

UM FAMOSO ASTROLOGO FAZ UMA OFERTA NOTAVEL.

Dir-lh'a-ha

GRATUITAMENTE



O seu futuro será feliz, afortunado? terá exito no casamento, em seus negocios, ambições, desejos? quaes são os seus amigos e os seus inimigos? e muitos outros dados importantes que sómente a Astrologia pôde revelar.

*NASCEU SOBRE A INFLUENCIA
DE PROPICIA ESTRELA?*

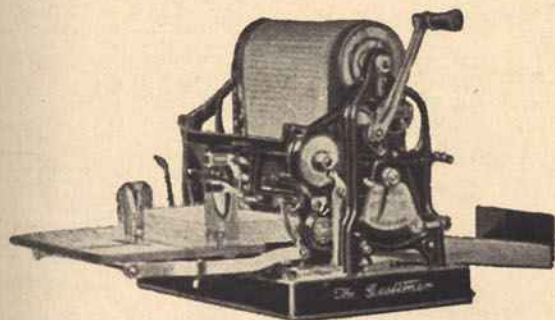
Ramah, o celebre Orientalista e Astrologo cujos estudos astrológicos e conselhos teem suscitado milhares de cartas de agradecimento do mundo inteiro, dará GRATUITAMENTE, a quem lh'a mandar pedir, com a indicação do nome, do endereço e a data exacta do nascimento, por meio do seu methodo incomparavel, uma analyse astrológica da sua vida e do seu futuro, a qual, junta aos seus conselhos Pessoaes, encerra dados susceptiveis não só de que os achemos extraordinarios, como de nos deixar maravilhados. Os seus Conselhos Pessoaes teem o poder de mudar favoravelmente o transcurso de toda a sua vida. Escreva immediatamente e sem demora, para seu proprio interesse, a RAMAH, folio 5. Pl.

44, Rue de Lisbonne, PARIS

Com \$50 de sellos de correio do seu paiz para cobrir as despesas do correio, remessa, etc.

Franquia para França: 1\$60

Franquia do Brazil para França: 400 Réis



TIRA 100 COPIAS POR MINUTO!!

*Cada escritório precisa organização !!
Todo o negocio precisa desenvolvimento !!*

O DUPLICADOR "D. GESTETNER"

*O melhor duplicador do
Mundo pôde ser nos dois
casos de imensa utilidade!*

PEÇAM DETALHES Á CASA

A GESTETNER, L.^{DA}

Rua de Passos Manuel, 249

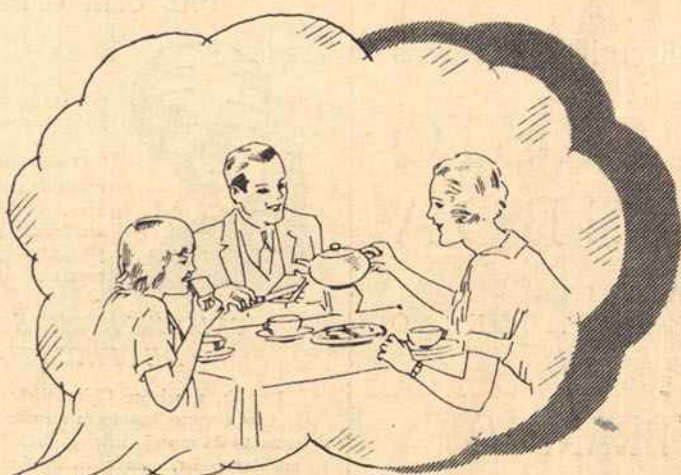
PORTO

Telefone N.º 1081

Rua da Conceição, 125

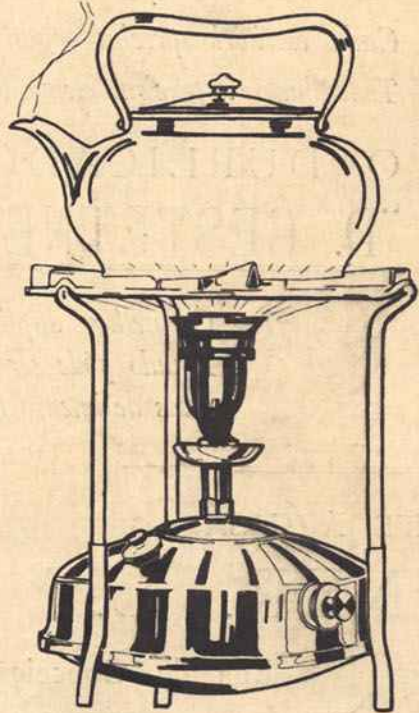
LISBOA

Telefone: Central 320



"FOGÃO DA VACUUM" quere dizer:

**Comodidade,
Economia e rapidez**
Faz um chá 5 minutos
em
gastando menos de
UM decilitro de



Vacuum Oil Company

Rocio. 67 Telef. N. 3075 e nas suas Agencias

DIRECTOR-DELEGADO:

JOÃO DA CUNHA DE EÇA

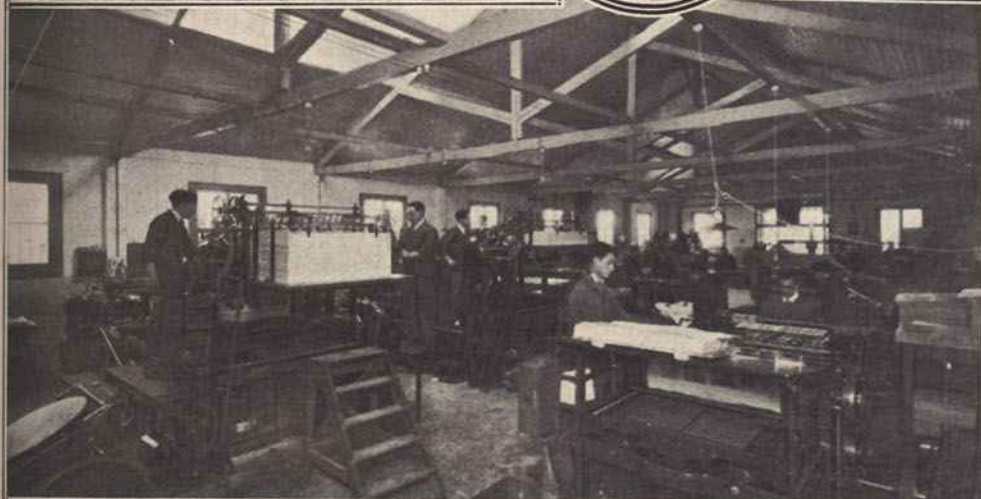
DIRECTOR:

JOÃO DE SOUSA FONSECA

ANO 3.^o — NÚMERO 53

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

1 DE MARÇO DE 1928



Festa de intelligencia e de amor, justo é que se realize entre machinas e typo. Sem elles, a intelligencia do homem não se teria desenvolvido pelo mundo, e a civilização teria sido como um fio d'água, não o que ella é agora, torrente impetuosa. A machina é como o coração da imprensa: ella dá um impulso novo ás produções do espirito, e faz com que se derramem pelo mundo com a instantaneidade e o impeto das descargas electricas.

Abençoada seja a machina a serviço da intelligencia humana.

Lisboa, 22-2-28.

LEMOZ BRITTO.

(Palavras do illustre homem de letras e Jurisconsulto brasileiro Dr. Lemos Britto na sua visita ás officinas da Illustração).



O illustre publicista e Jurisconsulto brasileiro dr. Lemos Britto honrou a Illustração com a sua visita. Durante o «Porto de Honra» a que presidiu a Senhora Embaixatriz da Brazil e a que assistiram muitas altas individualidades das letras e das artes, fizeram-se sólidas afirmações de amizade Luso-Brasileira. As nossas fotos representam as officinas de impressão e a chieada da senhora Embaixatriz, dr. Brito Camacho, M.^o Lemos Britto, dr. Lemos Britto e Manuel de Sousa Pinto, o illustre presidente da Associação Industrial sr. José Maria Alvarez e dr. Miguel Trancoso, que foram recebidos pela directora da Eça, pelo nosso camarada Alcantara Carneira e pelos nossos directores João de Sousa Fonseca e João da Cunha de Eça.

CRÓNICA DA QUINZENA

É interessante seguir com atenção os esforços, mais ou menos eficazes, que as nações vão fazendo para saír da situação perturbada em que as deixou a guerra de 1914, e anotar, de espaço a espaço, os resultados já obtidos. Há, nestas tentativas de tóda a ordem, umas felizes, outras desastradas, umas feitas com método, outras atabalhoadamente, não sómente um objecto de estudo do maior interesse para o sociólogo, mas também ensinamentos úteis para os povos que ainda são capazes de aprender.

De um lado, as nações, grandes ou pequenas, onde, apesar da gravidade da situação, da divergencia das opiniões, e da multiplicidade dos problemas, éstes são encarados a sério pelos seus homens publicos que os estudam cuidadosamente com o propósito decidido de os resolver, aventando soluções, debatendo-as, emendando os erros cometidos, até alcançar o resultado desejado. Do outro lado, os povos desprovidos de tino político e administrativo, incapazes de realizar a convergencia dos esforços dos seus grupos étnicos, políticos, religiosos, para um objectivo comum, debatendo-se numa agitação estéril, entre o charlatanismo óco e a violência inútil, adiando indefinidamente as soluções que algum dia virão das circunstâncias exteriores.

Nêste momento, é sobre a França e a experiência Poincaré que tódas as vistas se concentram. Não é que o bolchevismo russo, o fascismo italiano, a ditadura espanhola, não ofereçam bastante interesse, mas este interesse, para as outras nações, é mais especulativo do que prático; nem a Rússia, nem a Itália, nem a Espanha, gozam de um prestígio tal entre as nações que o exemplo de qualquer delas possa ter a repercussão do que se passa em França. Demais, bolchevismo, fascismo, riverismo, não são coisas novas senão na aparência; só crêem o contrário os rapazinhos que julgam novo tudo quanto ainda não viram. São crises de crescimento de povos atrasados quanto à educação política, mercê da grande massa iletrada da sua população, e que pretendendo andar mais depressa que os outros, tropeçam, caem, e ficam para traz, sob um governo de força, sem fiscalização e sem normas estabelecidas. É claro que isto não pode durar, e dentro em pouco procura-se entrar num regime de normas fixas e uma fiscalização real, ou aparente. É o que já está succedendo. Tudo isto, como se vê, é velho, e seria de todo o ponto pueril imaginar que as nações mais adiantadas do mundo vão entrar numa nova fase politica de governos sem fiscalização.

Outro é o caso da França. É um país, sem

contestação, cujo regime político possui as características próprias das nações modernas, de um «governo de opinião», como lhe chamam os tratadistas ingleses, ou «governo de discussão», como usam dizer os americanos. Por isso, não foi sómente com interesse, mas com verdadeira ansiedade, que os amigos da democracia seguiram a «experiência Poincaré», em que um ministério compreendendo todos os matizes republicanos, à excepção do socialista, tinha contra si, de um lado, os sequazes, pouco numerosos, do fascismo, do outro, os partidários de uma *soi-disant* ditadura do proletariado. E todos rejubilam com o facto de mais uma vez se ter provado que, mesmo um país de formação latina, pode restabelecer a ordem e restaurar as suas finanças, sem saír para fóra das normas da democracia.

De facto, com a obra do Ministério Poincaré-Briand, a França, tanto no que respeita à politica externa, como à politica interna, conseguiu readquirir o prestígio abalado pelas experiências aventureiras e a tibieza da autoridade dos governos seus antecessores.

Na politica internacional, para não falar senão dos mais recentes successos, a diplomacia inteligente do sr. Briand conseguiu, com o acôrdo franco-italiano, quebrar os impetus da arrogância fascista, definiu melhor as relações franco-germanicas nos pontos litigiosos, e acaba de assinar um tratado de arbitragem entre a França e os Estados Unidos, na mesma ocasião em que se celebrava o 150.º aniversário do primeiro acôrdo de carácter análogo entre os dois países.

Na politica interna, o Ministério Poincaré, ao mesmo tempo que inutiliza os manejos bolchevistas, revaloriza o franco, e restabelece o crédito financeiro da França, contribuindo, assim, poderosamente, para o levantamento do seu prestígio internacional.

O curioso é que este resultado se tenha obtido pelo esforço conjugado, principalmente, dos dois homens que o «tigre» definiu numa antítese engraçada, sem embargo de ser injusta. Briand, dizia Clemenceau, num dos seus momentos de *verve*: *Il ne sait rien, il comprend tout*; Poincaré, *Il sait tout, il ne comprend rien*. Evidentemente, isto não passa de uma *boutade* com graça; nem Briand é um ignorante, nem Poincaré um conselheiro Acácio; mas, como succede em todas as caricaturas feitas com talento,

há nela um fundo de verdade psicológica, aliás, banal.

É que o saber e a intelligência, a capacidade de absorção para a sciência adquirida, e o poder de comprecensão, não são qualidades paralelas, podendo mesmo ir do máximo ao mínimo em sentido diametralmente oposto. Sem ir, porém, até aos extremos, há homens, que sendo inteligentes, possuem todavia uma erudição superior à sua intelligência; é o caso de Poincaré. Noutros, e é o caso de Briand, muito embora sabedores, a intelligência desborda o saber. É fácil encontrar na literatura e na sciência numerosos exemplos de cada um destes dois tipos intellectuais. Está-me agora a acudir à lembrança um exemplar bem típico da intelligência transbordando de todos os lados da erudição: era Gabriel Tarde. Ninguém dirá que Tarde não dispunha de um vasto saber; mas, como a intelligência, nele, dominava a erudição! Ela aproximava, ligava, penetrava os factos recolhidos pelo crudito, e estes apareciam subitamente iluminados como por uma luz interior, aqueles mesmos factos que na obra do crudito se apresentavam isolados, distantes, opacos.

Em compensação, quantos sábios, muito sábios, de uma intelligência tão escassa que jaz, positivamente esborrachada, sob o peso da erudição! Mas repito, isto não se applica a Poincaré, e a frase de Clemenceau é uma simples caricatura. Demais, aquelle é credor do reconhecimento de todos os que pensam que a democracia é necessária ao progresso das sociedades; estas, cada vez mais exigem competências superiores, tecnicos hábeis na direcção dos negócios públicos, e só a democracia permite que as competências surjam, que as capacidades se revelem. Que seriam hoje muitos dos detractores da democracia, trisnetos dos servos de gleba, se não fôsse a democracia? Por outro lado, alguém pensa a sério que possam estabelecer-se duradouramente, na Inglaterra, em França, nos Estados Unidos governos sem fiscalização por parte da opinião pública?

Sómente, os povos, pelo facto de viverem todos na mesma era de 1928, não têm todos a mesma idade; uns, são já adultos, politicamente, outros estão ainda na adolescência, porventura mesmo, na puerícia; e uma das grandes causas de desequilíbrio do mundo é todas estas nações pretendem fazer uso do mesmo modo dos mesmos utensílios e ferramentas da civilização.

E o equívoco de muita gente vem de se concluir pela falência da democracia quando alguma nação falla no uso das instituições democráticas.

JOSÉ DE MAGALHÃES.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

CARNAVAL

NO MEDALHÃO, à direita: — Três grupos num concurso sem graça nenhuma.

NO MEDALHÃO, em baixo: — Figuras conhecidas divertindo-se no Hôtel de Itália, no Estoril.

A DIREITA: — Os delegados financeiros da Sociedade das Nações no baile da Sociedade Nacional de Belas Artes.

NO OVAL, ao centro: — Um aspecto do baile de subscrição realizado na Liga Naval no Salão Gordo e promovido por uma comissão de gentis senhoras da nossa sociedade elegante.

EM BAIXO: — Um aspecto da deliciosa festa elegante na residência da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Amélia de Menezes Ferreira da Costa e do Ex.^{mo} Sr. António Salvador da Costa, na noite de segunda-feira de Carnaval.



O CARNAVAL DAS CRIANÇAS

As crianças deram ao Carnaval sensaborão, uma nota deliciosa de graciosidade. Na nossa página, às crianças dedicada, vemos uma encantadora criança que teve prêmio no Teatro Nacional, a pequenina Maria-Elena Pires, de leitora da «buena-ficha», dois palhacitos deliciosos de graça, que eram Alberto e Henrique da Cunha de Eça, um arrojado «cow-boy» de 2 anos de idade, vizinho, pela força das circunstâncias, duma «Mistinguett» um pouco mais espigadita mas delicadíssima miniatura. A esquerda e na oval do centro um grupo formosíssimo de crianças fantasiadas, numa das mais brilhantes festas deste Carnaval, a *matinée* infantil que, na segunda-

na, com 4 anos de idade, e um «magala», de 2 anos, respectivamente, José Manuel Cortez Pimentel e Luís Fernando Pimentel, foram dois autênticos sucessos nas ruas e festas, onde também foi apreciado o galantíssimo costume de «Sol», da menina Maria Elena Pereira Gonçalves,

(Fotos
Mário Novais
e Portugalia)



-feira gorda se realizou na residência da sr.^a D. Maria Amélia de Meneses Ferreira da Costa e do sr. António Salvador da Costa, na rua de Tomás Ribeiro. A direita e em baixo, um aspecto do baile infantil na Sociedade Nacional de Belas Artes e um grupo das crianças mais formosas que ali foliaram. Dois militares, dois extremos da escala hierárquica, um coronel da Guarda Republica-

de 5 anos, que marcou pelo rigor com que apareceu disfardada e cujo retrato damos à esquerda da nossa página de sorrisos.



ACTUA-
LIDA-
DES

Aspecto da visita do sr. ministro do Comércio à Póvoa do Varzim. O ilustre membro do governo com as autoridades e figuras representativas da formosa localidade.

(Foto M. Coutinho)



A multidão, na Póvoa do Varzim, ouvindo um discurso do sr. dr. Alfredo de Magalhães.

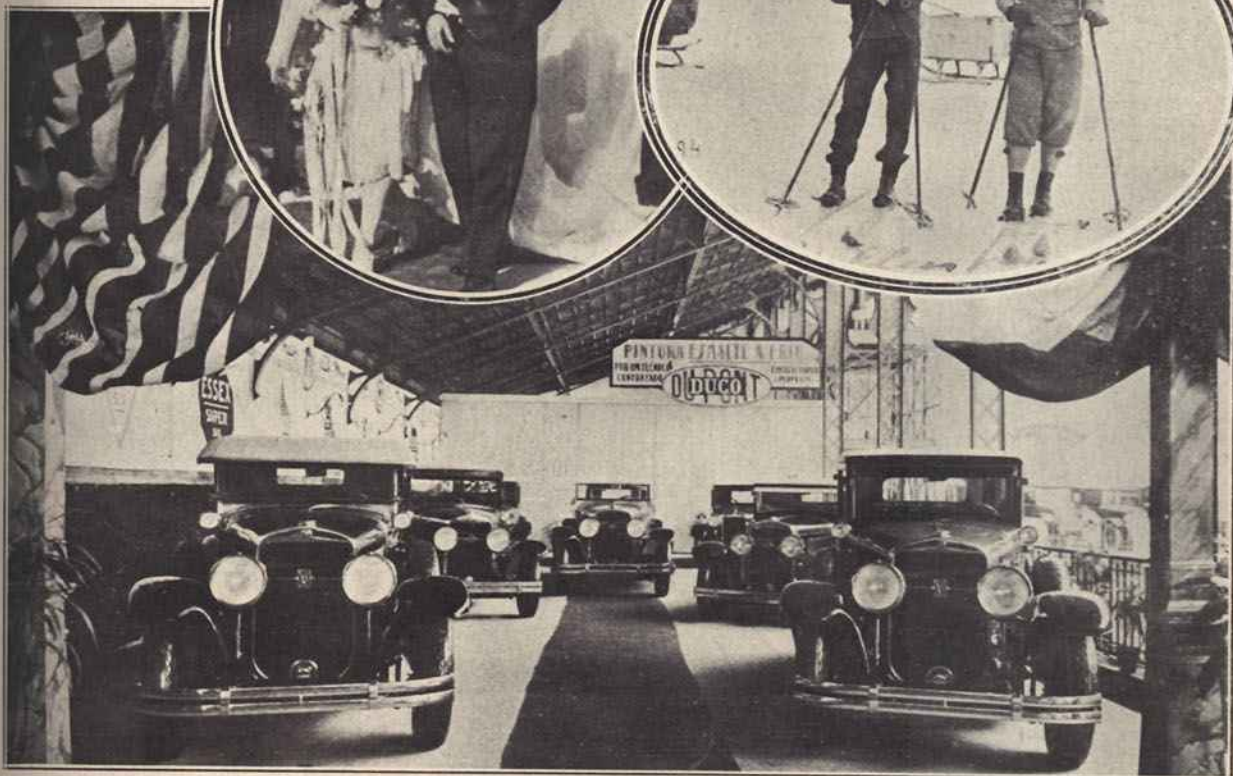
(Foto M. Coutinho)

O sr. ministro da Instrução durante o seu brilhante discurso.

(Foto M. Coutinho)

NO OVAL, à direita: Nos II Jogos Olímpicos sobre o ardo, em St. Moritz, os esportistas portugueses Virgílio Barroso e Luis Rau que ali tem obtido bellos resultados a par de campeões estrangeiros.

NO MEDALHÃO — O casamento da Ex.^{ma} Sr.^a D. Ana Moraes Ferrero com o sr. Anibal Falcão Marques dos Santos, realizado na paróquia de S. Sebastião da Pedreira em 4 do corrente.



Um aspecto da brilhante exposição dos luxuosos carros «La Salle» e «Cadillacs» na magestosa galeria da Sociedade Portuguesa de Automóveis, na rua Alexandre Herculano. — (Foto M. Novais)

O ENTRUDO NO PORTO

NO OVAL, à direita — Um gracioso grupo de crianças mascaradas na Escola Infantil n.º 1, na Praça da Alegria, onde houve uma encantadora festa para as educandas, que decorreu no meio de grande entusiasmo.

EM BAIXO — Um carro carnavalesco por ocasião do cortejo dos estudantes.

NO CENTRO — Um aspecto da chegada da nova «Miss Portugal». A carnavalesca beleza sifbla a multidão á entrada da rua de Sã da Bandeira.



NO MEDALHÃO E OVAL, à esquerda — Aspectos engraçados do espiritoso cortejo dos estudantes portuenses, por ocasião do Carnaval, ao passar na rua de Santa Catarina.

EM BAIXO, à esquerda — A chegada à estação de S. Bento da novíssima «Miss Portugal», «Repórter N.º» e sua comitiva, ludendo pelos chefes da acunhada «Rubra» e regente da «Orchestra Catastrófica e Mefistofélica» montando garbosos corceis.

NO MEDALHÃO — «Miss Portugal II» dentro do seu automóvel e rodeada das suas casas cívil, militar e mixta. Aspecto da graciosíssima paródia carnavalesca que os académicos portuenses levaram a efeito com fino espírito, neste Carnaval de 1925.

(Todos os clichés desta página e seguintes foram executados especialmente para a «Ilustração» pelo seu repórter fotográfico no Porto, Alvaro Martins).



Na jornada dos artistas, festa de graça e beleza, que tanto êxito teve em Lisboa, reproduziu-se com grande êxito na mais nobre e leal cidade trivicta. Os artistas de teatro ali em representação encenaram a linda e antiga cidade de alegria e bom humor, vendendo pelas ruas. Nas nossas fotos vêem-se: Decândia de Macedo servindo chá na Confeitaria Vilaça com Soares Corcêia e Dina Moreira; Amélia Eguelrão, o mais gracioso e espirituoso «Gavroche», vendendo jornais «por bem»; Selvaggio, Julieta Soares e Soares Corcêia, três «tipos populares de pedintes musicais», o que não impediu Julieta de ser uma linda «coubrette» na Confeitaria Oliveira; a ex-coba Amélia Rey Colaço vendendo pratos na Joalheria Reis, enquanto Robles Monteiro, Maria Clementina e o espirituoso e impagável Nascimento Fernandes foram os «caixeiros iludidos» na confeitaria Oliveira, de Carlos Alberto.



UM GRANDE ARTISTA

SIMÃO DA VEIGA

FIDALGO — TOUREIRO — PINTOR



O perfeito fidalgo que toureou, mão a mão com seu filho, o Simãozinho, por tôdas as praças de Portugal e Espanha, rejuvenescendo, por momentos, o toureio, decadente em Portugal, é também um grande artista, um grande pintor de retratos e de retratos de mulher, e o mais extraordinário desenhista de cavaleiros e touros que meus olhos conhecem.

Simão, pai, como é conhecido este modestíssimo e humilde grande artista, tem em si o desenho espontâneo de Marin e Martinez de Leon completado com outras qualidades que faltam áquelles grandes artistas espanhóis.

O colorido de Simão da Veiga é, por exem-



pleno, puro e simplesmente prodigioso. A campina ribejeana tem nêlê o seu poeta delicado das tragédias sanguinarias da lide e da tentativa, vitórias do toiro brutal sobre a airosa graça do cavalo garboso. A exposição dos trabalhos de Veiga, pai, é encantadora, é uma documentação soberba do poder dum forte e sincero artista.

doçíssimo e da sua palêta fluem as aragens frescas da tarde nevocenta sôbre paúes e vales, os nuvarrões grisalhos a trazer a tempestade tenivel, o azul glanco des dias de calentura a abafar a leziria e as corridas loucas da campitagem em cavalecoques desgrenhalos, a fúria negra dos negros touros a resiolegar bravamente em arremetidas barbaras. E, também, o artista toureiro é grande na dramatisação dos assuntos, cronistaapai-

«Os galgos», herallicos e aristocráticos, de linha esguia, o retrto de madame Cortezão, as suas scênas de campo e os encantadores medalhões de lindas senhoras de delicado sorrir, tudo são maravilhas pequenas de um grande mestre de pintura portuguesa dos nossos dias.

Simão da Veiga merece um triunfo.

Fevereiro de 1928.

AMASIO CAVAL.



HELENA ROQUE GAMEIRO

Saloias de Colares

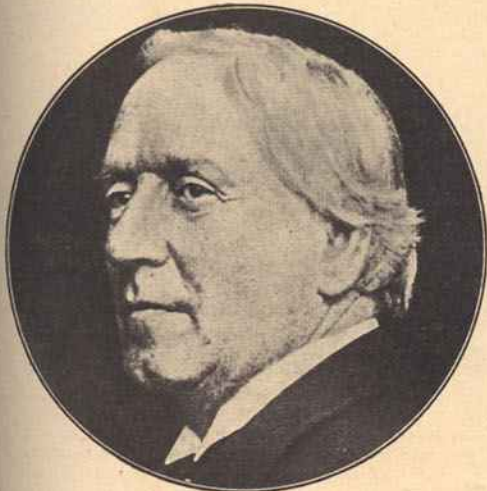
FIGURAS EM FOCO



VITOR FALCÃO

O vigoroso jornalista Vitor Falcão acaba de publicar um livro, «Páginas de Crítica», em que colige as melhores crónicas da sua portentosa actividade literária e crítica dispersa por essas revistas e jornais. Prosador forte e místico, ironista contundente, realizou um livro bem notável e bem digno.

(Foto «Ilustração»)



LORD ASQUITH

Grande político inglês, que foi chefe do partido liberal e que faleceu há pouco, pobre e humilde.

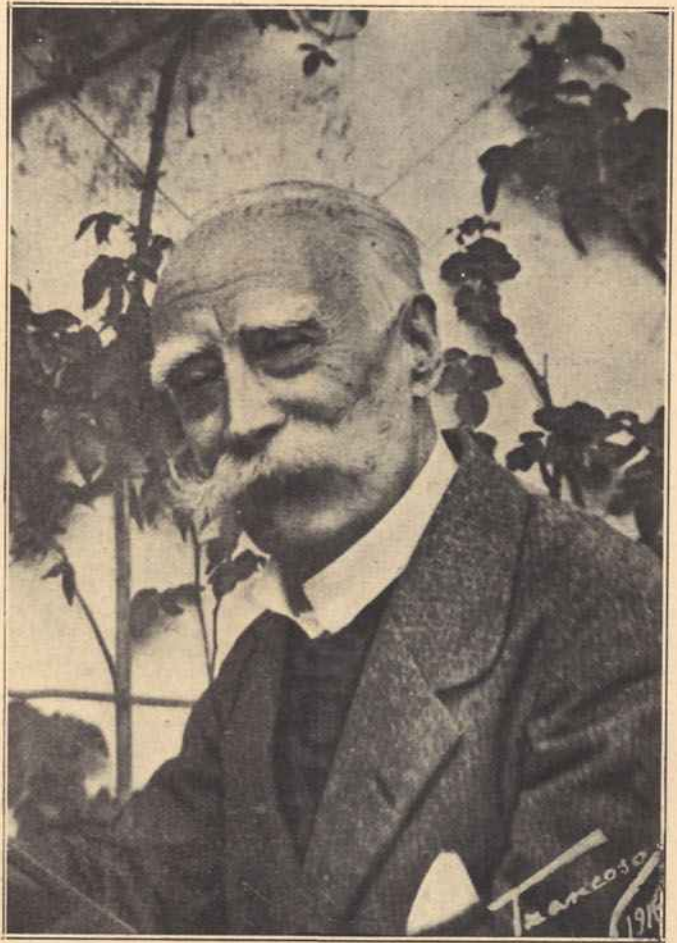
(Foto H. Manuel)



IORGA
NICOLAE

O chefe do partido nacionalista romeno foi nomeado professor da Sorbonne, e por isso se encontra em Paris para dedicar a sua actividade futura ao professorado naquele grande estabelecimento de ensino.

(Foto Henri Manuel)



JULIO DE CASTILHO

A memória deste eminente escritor vai ser devidamente perpetuada. Numa das sessões da Assembleia Geral de Estudo da Associação dos Arqueólogos Portugueses efectuada no ano findo, foi por aclamação constituída a Comissão encarregada de fazer erigir na capital o monumento ao saudoso escritor Júlio de Castilho, autor de várias importantes obras históricas e literárias, entre as quais avulta, sem dúvida, a «Lisboa Antiga», trabalho conscienciosíssimo de investigação histórica da Lisboa de antanho, dando assim execução à proposta, em tempo, apresentada na secção de estudos olisiponenses da mesma Associação, pelo consócio sr. António César Mena Júnior, para se adquirir por subscrição o busto daquele insigne escritor e diligenciarem-se a sua colocação no Largo de Santa Luzia, sobre um troço da velha muralha mourisca da cidade.

A referida comissão ficou constituída pelos srs. dr. Luís Xavier da Costa, Presidente de Honra; Gustavo de Matos Sequeira, Presidente; engenheiro Augusto Vieira da Silva, Vice-Presidente, e pelos srs. D. Tomás de Melo Breyner (Conde de Mafra), dr. António Baião, D. José Pessanha, Jesuino Ganhado, António César Mena Júnior, José Artur Barcia e dr. Miguel Trancoso.

O sr. dr. Xavier da Costa, Presidente da Associação dos Arqueólogos e Presidente de Honra da referida Comissão, procedeu à instalação da mesma, no edificio histórico do Carmo, sede daquela colectividade, em sessão da Comissão posteriormente realizada, tendo os cargos de Secretário e Tesoureiro ficado respectivamente a cargo do sr. dr. Miguel Trancoso e José Artur Barcia.

Esta Comissão iniciou os seus trabalhos no passado dia 9, comemorando assim o 9.º aniversário da morte do insigne escritor.

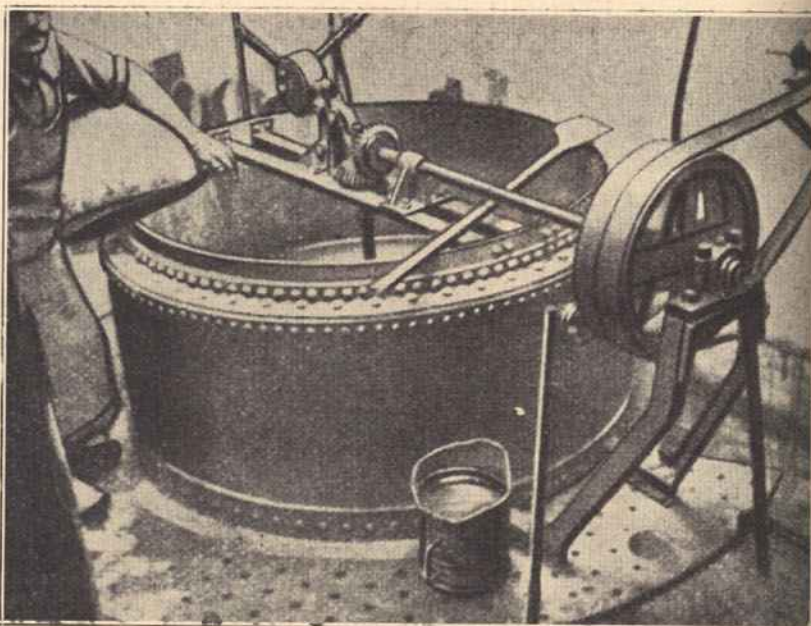
Em virtude de atrazo na confecção de gravuras somos forçados a retirar para o nosso próximo número uma entrevista que gentilmente nos foi concedida pelo sr. Secretário da Legação da China como rectificação ao nosso artigo «Dragões de papel», inserto no número anterior.

VIDA SCIENTÍFICA

MEL ARTIFICIAL.

Os químicos nada respeitam. Fala-se-lhes em mel, palavra de tanta doçura como o néctar que significa, e eles não pensam senão nas qualidades e proporções das substâncias que contém. Não evocam zumbidos de abelhas, pomares floridos, manhãs de primavera, as colinas do Hymeto e a sua antiga e doce poesia. Os químicos só cuidam de saber que no mel existe muito açúcar, alguma albumina, vários ácidos gordos e éteres cuja presença influi no sabor e perfume do precioso alimento. Depois, dizem eles, esse açúcar existe, na sua maior parte, sob forma de glucose, mais própria para ser absorvida pelo nosso organismo do que o açúcar de cana que nos serve, em geral, para adoçar o café ou o chá e preparar os produtos de confeitaria. A glucose é um alimento que não carece de ser digerido, isto é, que não carece de ser transformado para que se realize a sua absorção. Inger-se, cuí no estômago, de aí nos intestinos, e sem que os sucos digestivos a modifiquem passa de lá para o sangue.

Não sucede isso com qualquer outro alimento. As substâncias da família das albuminas começam a ser transformadas no estômago, por



Cabeira onde se efectua a inversão do açúcar de cana, munida de um grande agitador

carecem da acção dos líquidos digestivos, desde a saliva até ao suco intestinal, vindo a transformar-se, por fim, em glucose, a que também se chama açúcar de uvas. O açúcar de cana, por exemplo, é modificado no intestino, tornando-se açúcar invertido, que é uma mistura de glucose e de levulose. Chama-se invertido — digo-o para evitar mal-entendidos — porque desvia para a esquerda o plano de polarização da luz, enquanto que o açúcar de cana, de que ele provém, desvia o mesmo plano para a direita.

Mas o mel artificial?

O natural contém, em cada 100 gramas, 95 gramas de açúcar, sendo 30 de açúcar de cana e 65 de glucose. Este último açúcar representa, portanto, à sua parte, mais de metade da constituição do mel; é a sua substância característica sob o ponto de vista alimentício. Preparando, portanto, um alimento em que os açúcares entrassem em proporções semelhantes, os industriais, cujas expressões estão sempre longe do rigor científico, entenderam que obtinham

um mel artificial. Tomaram então uma grande porção de açúcar de cana, lançaram-no numa grande vasilha de metal, de dupla parede, cuidadosamente estanhada por dentro, aqueceram a vasilha com vapor de água, juntaram ao açúcar um pouco de ácido clorídrico ou de ácido sulfúrico, puzeram em movimento um grande agitador que misturasse bem intimamente o açúcar com o ácido, e mantiveram esta situação durante uns três quartos de hora. Por este processo, a maior parte do açúcar de cana passou a açúcar invertido, como se reconhece pelo polarimetro.

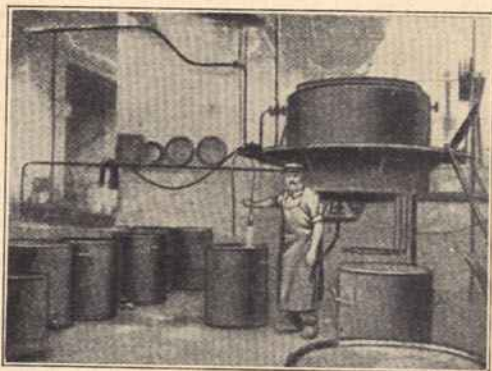
De facto, aquela transformação que se realiza no nosso intestino e que constitui a digestão do açúcar vulgar, podemos nós efectua-la no laboratorio, fervendo durante algum tempo uma solução de açúcar a que tenhamos adicionado

umas gotas de qualquer dos dois ácidos citados. São estes elementares conhecimentos de química que os industriais aproveitam para a preparação do seu mel artificial.

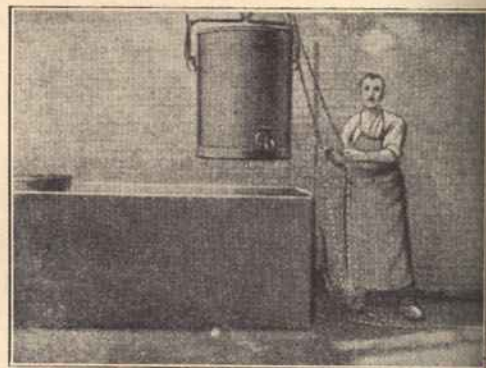
Depois, realizada a inversão do açúcar, não há mais que fazer do que abrir a torneira do caldeirão, receber o conteúdo em grandes marmittas, e esfriar estas por imersão em água fria. Das marmittas se passa depois o produto para pequenas vasilhas que são rotuladas com mais ou menos fantasia, conforme o mercado a que se destinam.

O valor alimentar dêsse mel artificial é grande, tanto como o de um xarope de açúcar; e quando bem preparado, tem o aspecto, a consistência, a cor e a doçura do mel natural. Faltalhe, porém, o sabor próprio e o natural perfume, se bem que haja quem lhe junte essências vegetais odoríferas no intuito de mais o aproximar do produto natural.

Por minha parte nunca comi mel artificial.



Passagem do açúcar invertido para grandes marmittas



Processo de esfriar o açúcar invertido pela imersão das marmittas em água fria

que eu o saiba. Creio que não hei-de gostar. Pode ser um bom alimento, de bom perfume e bom sabor, mas sem a poesia da tradição que acompanha o mel natural e que vem dos poetas grêgos e das eclogas de Virgílio até às primeiras floridas dos nossos campos portugueses.

F. MIRA.

Dansando...

Num baile em casa dos Viscondes de...

Ela, solteira, 20 anos, loira, branca, lindos olhos azuis.

Ele, casado, 35 anos, moreno, cabelos negros, ar petulante de conquistador... que se julga irresistível...

Dansam um tango, doente, perverso...

Ele: — Sabe? Dança divinamente!

Ela (com simplicidade, num sorriso): — Eu? Danso como toda a gente.

Ele (galanteador): — Você é diferente de toda a gente! Há lá comparação possível entre você e essas bonecas que para aí andam, de cabeça ôca e frívola, que só pensam em agradar e pescar *firts!*... Como toda a gente, você, que blasfêmia! E o que eu acho imensamente curioso, é que nunca ninguém teve a honra de lhe merecer um pouquinho de atenção! Perdô-me se sou indiscreto, mas francamente, gostava de saber qual é o seu ideal ou, pelo menos, se fez voto para freira...

Ela (continuando a sorrir): — Para isso falta-me a vocação... Sinto-me assim tão feliz! Os meus pais são tão bons para mim, estimam-me tanto, que não penso em os deixar. E depois, se me casasse, desagradar-me-ia bastante ver o senhor meu marido num baile, por exemplo, dansando com outra, dizendo-lhe amabilidades, enquanto eu os olhava, com ar indiferente, sorrindo, por causa dos outros, enquanto cá dentro rugia uma tempestade!... Olhe sua mulher, como sorri a olhar para nós...

Ele (contrariado): — Ela, felizmente, não



é dessas coisas. Mas, pelo que vejo, você é ciumenta... e isso está fora de moda...

Ela: — Bem sei; hoje, tudo que é sincero é ridículo!

Ele (mudando de conversa, tentando insinuar-se): — Sabe? Eu tenho um grande culto pela beleza! E como você é linda! Os seus olhos, são duas turquezas de valor incalculável, e os seus cabelos, fios de ouro, que uma fada, com a sua varinha mágica, colocou nessa cabecinha, que é, segundo dizem, imensamente inteligente.

(Continuando, vendo que ela fingira nada ter ouvido): — Diga-me, gosta de ler?

Ela: — Muito!

Ele: — Então já leu, decerto, «*Lys rouge*», de Anatole France?

Ela (que já o tinha lido, mas percebendo a intenção perversa da pergunta): — Meu pai não me deu licença de o ler.

Ele: — Ora, mas pode-o ler às escondidas... Se quere, eu empresto-lhe êsse, e alguns de Balzac... Zola... Claude Farrère...

Ela (natural): — Obrigada. Não faço nada que meu pai não possa saber.

Ele (com maldade): — Diga-me então: de todos os livros que tem lido, qual a fez vibrar com mais intensidade, qual impressionou profundamente o seu coração?

Ela (olhando-o bem de frente, iludindo a pergunta): — O livro que mais me fez vibrar... que mais me impressionou...

Os Lusíadas!

Ele: — ?!?

LIVROS E

Pelo paralelo que permite estabelecer, talvez a história seguinte, tanto mais que é verídica, venha a propósito e contenha seu interesse.

Quando, outro dia, em França, as conspícuas damas que formam o júri do Prémio Fémina resolveram atribuí-lo ao romance *Grand-Louis l'Innocent*, de Marie Le Franc, parte da crítica, discordando da sentença, assim como já desaplandira a escolha feita, para o *Prix Goncourt*, do livro de Maurice Bedel, *Jérôme 60.ª latitude Nord*, não esteve agora com meias medidas e, esquecida a velha máxima de galantaria de que numa senhora não se deve tocar nem com uma flor, desancou a obra e a autora sem dó nem piedade. Um dos comentaristas, André Thérive, chegou a dizer isto: «Madame Marie Le Franc a vu jadis son manuscrit renvoyé par un éditeur avec la simple mention *ridicule!* Je serai assez près de souscrire à ce jugement. Madame Marie Le Franc... n'écrit ni bien ni mal... Son livre ennuyeux, froid et monotone, candidelement maladroît, peut donner l'exemple de l'ouvrage inutile.»

Cóisa notável é já esta rasgada independência, este completo desafogo da crítica, mas até aqui apenas contamos metade da história. O resto é mais curioso.

Em vez de sonegar, de esconder o mais possível tais opiniões adversas ao romance, como por cá sucederia, o editor do *Grand-Louis l'Innocent* tratou mas foi de aproveitá-las para o reclamo da obra, bipartindo desta forma o texto dos seus amplos anúncios: numa columna, o que a favor dela foi dito; noutra, o que de mais áspero se afirmou em seu desalobão. E como não é crível que o livreiro procedesse assim contra a vontade da romancista, hemos apenas de concluir que por aquelas bandas literárias os melindres dos autores amordaçam pouco ou nada a sinceridade dos críticos.

Transportemo-nos agora à nossa boa terra. Seria aqui viável a propaganda dum obra literária por similar processo de contradição? A resposta, redondamente, é esta: não. Aqui, tão cerrada é a rede de susceptibilidades, tanto se faz sentir o amor-próprio dos autores, que mal a crítica esboça um pio menos aprovativo logo os protestos, com disfarce ou sem êle, lhe embargam a voz. Não raro mesmo, até em circunstâncias em que os encômios foram prodigali-



Dr. Antônio Alves Martins

zados, os autores se declaram insatisfeitos: com passinhos de lá, por meio da epístola ou em amena conversa, entre salamaleques visivelmente forçados, saem-nos a dizer que sim mas que também, que, talvez por escassez de tempo, não podemos avaliar em toda a sua grandeza a obra por êles produzida, etc. Em suma, acharam escassa e pouco barrada da manteiga do elogio a fatia de comentário que lhes dedicámos: o seu bom apetite exigia mais. E então sempre que qualquer dos cronistas tenha a coragem de, com todas as letras e todos os pontos nos *ff*, fazer um reparo, uma restrição no aplauso a qualquer livro, — ó céus, chegou o dia do Juízo! ovem-se queixas tão plangentes e irritadas como as dos felídeos quando se lhes pisa o rabo.

Ainda há quem alimente esperanças de que estas coisas, entre nós, venham um dia a mudar de figura. Talvez. Mas não decerto para assimilarmos os costumes desembaraçados e isen-



Dr. Carlos Amaro

tos de que atrás demos fé. Não. Mudança, a havê-la, será em sentido mais oposto ainda. Nesses felizes tempo os autores enviar-nos não, já prontos, os pareceres, escritos por êles próprios, a respeito das suas obras, resignando-nos nós ao subalterno papel de assinar *pela cópia* os ditos pareceres. Este novo sistema, não se diga que não, será assaz cômodo. Sobretudo para os autores, que, desta maneira, encontrarão livre de todo e qualquer impedimento o caminho para a immortalidade.

Tarde chegamos para sair destas crônicas o aparecimento do livro *S. João subiu ao trono*, do sr. dr. Carlos Amaro. Já Carlos Selvagem, aqui mesmo nesta revista e com palavras de lúcida visão crítica, encarando-a sobretudo no



Dr. Ladislau Patrício

seu aspecto scênico, pois a feição dela é a teatral, disse o que é de inteira justiça dizer sobre a excelência da obra, o permanente interesse do assunto, a sua esmerada feitura literária, o harmônico desenvolvimento do entreccho, a graça das figuras e situações que compõem a mexida e ensinadora fábula. Por isso tudo o que nós agora aqui dissermos ficará apenas como cartão de agradecimento ao autor pelo grande prazer espiritual que a leitura do seu livro nos proporcionou.

Porque, bom é dizê-lo já este Auto ou grande Mistério em seis jornadas, engraçadíssima história em verso bem trabalhado que, na sua construção, foi buscar modelo no teatro medieval, se bem que destinado às crianças tem igualmente o condão de deliciar os adultos, que em livros assim, de refrescante fantasia, alcançam maneira de iludir o tédio produzido pela observação da realidade charra. Quanto às crianças, para lhes ir acordar o cérebro, o melhor caminho é exactamente este — a imaginação. Através dêsse vital, que devemos encher de belas e coloridas imagens, é que elas comecem a familiarizar-se com as coisas do mundo: põ-las de chofre diante do que é exacto e se apresenta banhado de luz crua, seria decerto arriscar à cegueira seus olhos cándidos.

E eis porque esta obra, em que falam gentes da corte e gentes das serras, em que a desigualdade sofre castigo e a virtude obtém pré-

ESCRITORES

mio, realiza por completo a sua missão junto dos espíritos juvenis: recreia-os e educa-os, simultaneamente.

Além disto, que é primacial, o trabalho é dum alto cunho literário. Que verdadeiros achados de gracioso comentário, que naturalidade no diálogo, quantas notas de puro lirismo nessas falas e cenas! O quadro V, ao abrir da manhã, na montanha, é, por exemplo, simplesmente encantador.

Admirável livro, sim, senhores. Acaba a gente de lê-lo, e um irreprimível sobriedade nos sobe nos lábios, como síntese da impressão que êle nos deixou. Sara Afonso acrescentou valia ao poema com o seu lapis de gosto moderno.

Também a sr.^a D. Euíllia de Sousa Costa presenteou, há semanas, as crianças portuguesas com três novos e interessantes livrinhos: *O Perú aviador*, feixe de cinco histórias que Raquel R. Gameiro Ottolini ilustrou; *Os Contos do Joãozinho*, que apresenta colaboração da mesma distinta ilustradora e contém texto inspirado nos fabulários escandinavo, russo e japonês; e *Castelos no Ar*, com desenhos de

Alfredo Moriis e onde há perto de duas dezenas de contos feitos sobre tradições nacionais. A autora, pela firme reputação que conquistou no género, já não precisa de largas referências a anunciar seus trabalhos. Apon-tá-las simplesmente, é quanto basta.

Também com interesse restrito, e por isso deixando-nos indecisos sobre as forças literárias da autora, se nos apresentou o volume *Casa Alheia*, da sr.^a D. Maria Portugal Dias. Crônicas de viagem, mas não por terras que ainda permitam extrair delas impressões inéditas: França, Suíça, Itália. Com este itinerário, que Cook banalizou, difficilissimo é já dizer algo que ofereça novidade. Equivale o caso a extrair sumo dum limão que por completo secon. Não é que a literatura ambulatória esteja posta à margem, não. Mas os seus cultores que logram êxito são apenas aqueles que se arrojam até regiões desérticas ou, pelo menos, exóticas. E André Gide viajando no Congo, e André Viollis metendo o nariz na Rússia e atravessando-a de ponta a ponta, são Ferrère e Morand afastando-se para o Oriente, são Amúdsen e Ellsworth fazendo-nos relato da sua viagem arriscadíssima ao polo norte.

Daqui só poderemos concluir que se a sr.^a D. Maria Portugal Dias tivesse escolhido outro género para sua estreia, talvez fôsse mais feliz perante o grande público e a crítica, pois *Casa Alheia*, com o texto que tem, interessa apenas a ela própria e à roda das suas pessoas amigas.

Antônio Alves Martins, voluntário exilado da capital, que, com seu tumulto, lhe perturbava o espirito de eleito das musas, acaba de trazer a lume um novo poema, diferente, porém, no assunto, de toda a sua obra anterior.

Aqui o poeta alheio-se de si próprio e objectivou, com alto sentido lírico, essa extraordinária figura do agiologista cristão: S. Francisco de Assis, o cantor do sol e das ágnas, das aves e do lume, de tudo que é criado, do amor universal. Em sonetinhos, construídos com mão segura, Alves Martins narra-nos nesta obra, passo por passo, a vida do santo, no que ela tem de mais belo.

Como o poema, por vários motivos, entre os quais estão o assunto e o reconhecido mérito do autor, se impõe por si próprio, superfluo nos parece comentário com largueza, tanto mais



Guilherme de Faria

que o espaço nos escasseia. Por isso, dando idéa do enternecedor lirismo desta original biografia de S. Francisco de Assis, transcrevemos aqui uma parte da linda dedicatória do poema nos filhos do autor :

Cotovias, rouxinóis,
Em mim fizeram seu ninho,
Louvando o santo Irmãozinho
Que em tanto cantei depois!

Fiz poesia — não fiz renda.
Fui à história — fui à lenda;
Dei-lhes todo o meu amor.

Alves Martins com este novo livro decerto conquista definitivamente o aprêço dos que estimam a verdadeira poesia e entre os quais ainda alguns hesitavam em dar-lhe esse aprêço, censurando-lhe o seu extremo subjectivismo. Aqui, repetimos, o poeta passou fora das fronteiras da sua alma, para nós, aliás, bem intensa de vida e de sonho, alma revelada na *Anunciação* e na *Fogueira Eterna*.

Guilherme de Faria apresentou-nos há pouco um novo testemunho do seu engenho delicadíssimo, clo da candeia lírica que, através dos séculos, vem desde os nossos primeiros trovadores e, passando por Bernardim e Crisfal e Camões e João de Deus, no moço poeta perpetua o mesmo eco da sensibilidade portuguesa. A saudade é a sua densa tutelar. Ela preside sempre aos seus cantos, embelando-o duma claridade magnética. *Manhã de Novembro*, irmã em beleza das seis obras poéticas que o autor já nos dera anteriormente, tem isto de cativante: é, ao mesmo tempo, antiga e moderna no

lan Patricio pela literatura! Porque, sem lisonja, os dois livros que ele nos enviou agora são dos mais interessantes que temos lido nos tempos últimos.

O *Mundo das Pequenas Coisas e Teatro sem Actores*, assim se intitulam êles. Naquelle, que só tem de emburrativo para nós o caracter do album, com prosa e verso de mistura, coligiu o autor alguns contos muito curiosos no entrecio e escritos numa prosa enxuta, e também oito pequeninas produções em verso, umas irónicas, outras sentimentais, outras ainda descritivas da natureza, que certificam no autor uma fina sensibilidade poética, para nós por completa desconhecida até aparecer este livro. No segundo, *Teatro sem actores*, está patente um pulso vigoroso de dramaturgo, nas quatro intensas peças teatrais que o formam. Dissémos quatro, embora cinco sejam as produções arquivadas no livro, porque a última, considerámo-la uma banal anedota dialogada, abelhudamente metida no grupo das outras. Esse teatro, duma grande intensidade de acção, sem nada de supérfluo, é, a nosso ver, primoroso, principalmente o da *Casa Maldita* e dos *Negros Amores*, em que se nos patenteia a bárbara natureza do povo beirão.

De teatro falámos, pelo que vem a propósito registar o aparecimento em volume de duas obras scenicas, uma que passon pelos nossos palcos há já uma porção de anos, outra que ainda há pouco esteve no cartaz: *Oedípeo*, de Vitoriano Braga, e *O Marquês de Marriçhe*, de D. João de Castro. Os três actos da primeira, talvez dos melhores que o talento do autor tem concebido, dão-nos um drama da sociedade elegante; os actos, também em terceto, da se-

noso estro, mas êle, e só êle, tem culpa de que não o apreciemos como poeta tanto como êle talvez mereça. É que, em todos os seus livros o seu temperamento artístico teima em revelar-se de duas maneiras distintas: como escritor, de prosa ou verso, e como illustrador, com estampas abertas em madeira, quasi sempre admiráveis. A nossa atenção, dêste modo, divide-se, hesita: quando é que o sr. dr. Celestino Gomes toca o seu violino de Ingres? Quando é xilógrafo ou quando escreve? *Baladas para um certo olhar*, livro que recolhe os mui variados motivos que inspiraram o engenho do autor, sendo escolar de Medicina, não deixando de nos encantar na parte escrita, mais nos encanta pelas suas estampas, que dão ao volume um belo aspecto artistico. E a nossa dúvida, claro está, persiste: quando é que o autor incaria a velha anedota de Ingres?

No livro *Meio-Dia* coligiu o sr. Manuel Carreiro muitas das suas prosas escritas em anos moços, anos moços de que ainda, felizmente para êle, não vai distante. Crônicas e novelas constituem estas páginas, traçadas algumas com verdadeiro talento, sobretudo as das novelas, pois as crônicas nem todas nos agradaram. Como livro de estreia, êste livro tem mérito. É uma boa promessa. O título, porém, achamo-lo errado: *Meio-Dia*, designando por isso a hora suprema da vida, e quando os escritos inclusos pertencem à idade dos vinte e poucos anos? Ai de nós se a partir dêsse periodo da existência tudo fôsse já crepúsculo, ai de nós! Quando daqui por anos o autor, perante novos e mais largos horizontes da vida, depois de experimentar comoeções e sensações que hoje lhe são ainda desconhecidas, olhar para trás e se recordar



Dr. Celestino Gomes



Manuel Carreiro



Dr. Cerqueira Magro



Dr. A. Faria Fonseca

sabor. É poesia, em suma, poesia verdadeira e de sempre — simplesmente porque é mais sentida do que pensada, voz espontânea dum espirito que, para escrever os seus cantos, obedece àquella «necessidade poética» de que falava Emerson.

Do consagrado escritor que é Rocha Martins começaram agora aparecendo, alternadamente, duas novas coleções de ambiente histórico; uma, que foca *Os grandes Amores de Portugal* e outra que estabelece uma galeria de *Heróis, Santos e Mártires da Pátria*. Em cada uma dellas os capítulos são doze, publicados em separado, e tanto duma como doutra já recebemos os tomos iniciais, ambos com vistosas capas de Alberto de Sousa: *Linda Inês*, do núcleo dos *Grandes Amores*, e *Rainha Santa*, do dos *Heróis, Santos e Mártires*. Em qualquer dêstes dois trabalhos, em que a lenda embeleza a verdade histórica, quer quando nos pinta o desvayro de amor de D. Pedro I, história de amor que tanto anda nos corações portugueses, quer quando nos traça o perfil romantizado dessa amável Isabel, rainha de Portugal, a pena de Rocha Martins mostra-se senhora da arte literária, pelo que às duas coleções assim brilhantemente encetadas não é difficil augurar êxito igual àquelle que desde longa data o público dispensa nos trabalhos do autor.

Visitas de médicos, frequentes vezes as nossas letras as recebem. Agora damos aqui notícia duma: a do sr. dr. Ladislau Patricio, que considera imprescindivel preencher os ôcios que, por terras beirãs, lhe dá a rude clinica, com labores literários. Trabalhos que se apresentam assim logo repelem do autor o qualificativo de escritor profissional — e, todavia, com quanta mágoa vemos ser tão fugidia a passagem de talentos como os do sr. dr. Ladislau

erguem-nos perante os olhos tipos e costumes de 1848, num sópro de romantismo e de boémia.

Tanto sobre o trabalho de Vitoriano Braga como sobre o de D. João de Castro já a critica, oportunamente, sentenciou. Na leitura, essas obras agradam. Mais não nos cabe dizer agora.

Baladas para um certo olhar é um livro de poesias do sr. dr. Celestino Gomes, que, embora não seja um estreante, quiz que um poeta eminentemente, o sr. dr. Alberto Osório de Castro, apadrinhasse a sua presente obra. Neste prefácio, que tem a nota curiosa de ser escrito em verso, o autor é denominado «marujinho da Nau Catrineta que vai naufragar» e francos louvores são feitos à sua persistência em tecer cânticos de amor, quando em volta ruga e procela e já a tona de água andam cadáveres boiando. É certo. O autor é um poeta de lumi-

dêsse título, há-de pela certa dizer de si para si: eu, afinal, trazia o relógio adiantado...

O sr. dr. Cerqueira Magro, nome que pela vez primeira encontramos na capa dum livro, escreveu um grosso volume de prosa descritiva e dialogada que êle proprio classificou como «romance e histórias». Esse volume chama-se *Fonte de Juvencio* e, em sub-título, «Notas sobre a vida, o túmulo, a ascendência e descendência de Egas Moniz». Se bem que a linguagem do livro seja clara, o que já é virtude, e haja um ténue fio dramático a ligar os episódios, o intuito do livro parece-nos confuso: pelo menos, o interesse da acção do romance sofre, e bastante, com aquellas interrupções de carácter histórico, visto que não se trata dum romance sobre figuras de séculos idos, mas sim trossas contemporâneas.

Que mereça, por isso, excomunição êste livro, da parte dos leitores de boa prosa? Não vamos a esse ponto. Ficamos mesmo bem longe dêle. Mas que *Fonte de Juvencio* se imponha como romance aos que sabem o que é romance, disso duvidamos nós abertamente. O seu hibridismo prejudica-o, rouba-lhe intensidade e equilibrio.

Nas *Horas Alegres e Tristes* memoria o sr. dr. António Faria Fonseca os seus tempos de Coimbra, quando a voz, as mais das vezes em cantos da sua lavra e com o acompanhamento da guitarra, se lhe erguia por entre o burgo de Coimbra, ora a desfiar alegrias, ora queixosa de penas do coração. Esses cantos, alguns muito sentidos, outros facetos, com sabor muito popular, apresenta-nos-los êle com simpática modestia, convencido de que não oferta à poesia nacional uma obra de superior engenho, mas sim interessante apenas para si proprio e para os seus íntimos.

A relação dos trabalhos já inscritos no nosso

CONCURSO LITERÁRIO

publicada no n.º 49 e onde se impõe uma rectificação, pois saiu, por lapso, o nome do sr. dr. Campos Monteiro como autor de *Gente Devota*, quando esta obra é do sr. dr. Campos Lima, — temos hoje a acrescentar o livro *Terra Bárbara*, do sr. Alípio Rama, há dias recebido para o effeito.

As condições gerais do certame encontram-se enunciadas no n.º 46 da *Illustração*.

O PROFESSOR CAMPOS FERREIRA

CONTA A SUA VIDA A UM REDACTOR DA «ILUSTRAÇÃO»

Aquêlê homem intrigava-me. O seu rôsto estranho surgia-me por tôda a parte, numma atrás perseguição. Era um rosto inolvidável: barba espessa, grisalha, em forma de léque em torno da face, onde uns olhos negros e uns óculos baratos luziam sinistramente; nariz abataado, caricatural, dentes grandes, que pretendiam, quando sorria, saltar-lhe para fóra da bôca. Dir-se-ia a máscara tradicional da comédia que se pinta nos palcos e se esculpe nas frontarias dos teatros. Era uma cara carnavalesca.

Apesar de tudo havia um quê de respeitavel, de venerando naquêlê tipo, vestido de preto, quási em traje de *soirée*. E uma noite êste respeito por êle arreigou-se mais no meu espírito. Foi quando o vi erguer-se, soléne, em pleno café, e, dextra alçada, exclamar numa vibrante indignação:

— Meus senhores: Isto não pode continuar assim.

A vida é um abismo para onde os maus, os inúteis e os cobardes impelem os homens inteligentes, bons e sábios!

E saíu a passo lento, grave, seguro, deixando a vibrar no salão silencioso o eco da sua voz.

— Quem é aquêlê homem? — perguntei a um amigo que assistia comigo à curiosa scena.

— É o Campos Ferreira — respondeu-me.

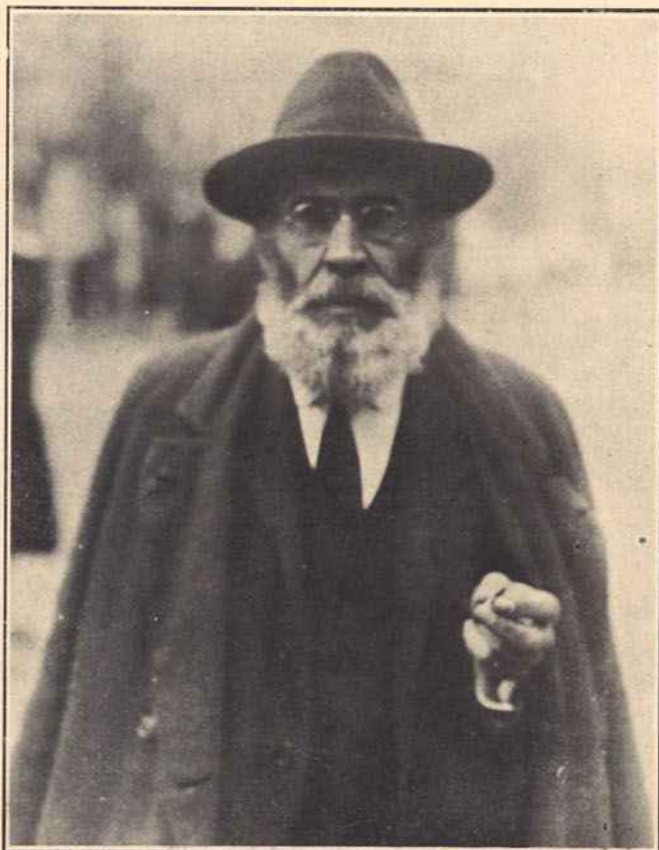
E como eu fizesse menção de não attribuir aquêlê nome a importância que provavelmente tinha, o meu companheiro de mesa illicidou-me:

— Este Campos Ferreira é uma espécie de filósofo... É professor, jornalista e discursa muito bem. A sua oratória é célebre. Tem proferido belas orações, principalmente junto de cadáveres.

— Gosta de falar com os mortos? — inquirimos, com uma leve ponta de ironia.

— Não gracieje. Ali ondê o vê, Campos Ferreira recitou a *Lágrima*, em plena basilica da Estrêla, junto da urna de Guerra Junqueiro.

Calei-me, respeitoso. E de cada vez que



O professor Campos Ferreira

encontrava Campos Ferreira, filósofo, professor e jornalista descobria-me reverente. Ele correspondia-me, levando a extremidade dos dedos à aba do chapéu, e passava sem me ligar mais importância.

Uma vez o Leitão, do Café Itália, que ver-seja com muita facilidade, chamou-me de parte e recitou-me uns versos. Era uma sátira a Campos Ferreira. Indignei-me. O filósofo não podia, em minha opinião, ser tratado de maneira tão irreverente.

— Mas êsse homem que você não conhece — disse-me Leitão — é absolutamente oposto ao que você dêle pensa.

Aquela frase tiron-me o sossêgo de espírito durante algumas noites. O prestígio do ídolo que minha imaginação criara, quedou fortemente abalado. Temia a cada passo que o vaticínio de Leitão se confirmasse.

Rodaram os meses, passaram os anos e, há dias, encontrava-me eu junto da porta do Café do Chiado, olhando distraidamente a multidão, quando surgiu, vagaroso e triste, o professor Campos Ferreira. Detive-se junto do porteiro e perguntou-lhe:

— O Júlio já cá esteve hoje?

Aquêlê Júlio por quem êle perguntava era simplesmente o sr. dr. Júlio Dantas.

O autor das *Abelhas douradas* não viera ainda e Campos Ferreira pareceu-me ter ficado bastante arreliado com o caso. Conser-vou-se uns momentos pensativo e silencioso. Por fim, atentando na minha humilde pessoa, teve a amabilidade de me dirigir a palavra.

— O senhor, por acaso — inquiriu êle — não viu o Júlio?

Não, não o tinha visto.

— Imagine — continuou êle, persistindo em dar-me o ensêjo de escutá-lo, enlevado — trata-se de uma questão importante, urgentíssima... Já o procurei em casa e não o encontrei; aqui, não está tampouco... Faz-me uma differença dos demónios!...

O diálogo estabeleceu-se. Subimos o Chiado conversando, tornámos ao café. O dr. Júlio Dantas ainda não tinha vindo. Resolvemos esperá-lo, beberricando aguardente. E foi durante essas

longas horas de espera que eu tive ocasião de conhecer intimamente aquêlê homem extraordinário.

— Nasci em Abrantes, a 6 de Setembro de 1805 — foi êle dizendo. Chamo-me Augusto Carlos de Almeida Ferreira; sou oriundo de uma família illustre, mas muito modesta.

— Tem boas recordações da sua infância? — perguntei-lhe.

Por detrás dos óculos transparentes cerrou por momentos os olhinhos negros, a meditar, a recordar.

— Sim, tenho boas recordações — confidenciau êle. — Lembro-me de ter ido ao colo de Camilo Castelo Branco, desde Nine a Barcelos. Andei ao colo do Camilo... Há quantos anos isso vai já!... Nêsse tempo a viagem fazia-se de deligência...

— Pelo que vejo conviveu com alguns dos homens mais célebres da nossa terra.

Campos Ferreira teve um sorriso triste, cheio de saudade, e revelou-me, em tom confidencial:

— O grande António Feliciano de Castilho foi muito meu amigo. Era o represen-

tante da dona da casa onde eu morava em pequeno, na rua da Arrábida. Todas as vezes que minha família ia pagar a renda, o inolvidável poeta perguntava: «Então como vai o meu Augustinho?» O Augustinho era eu.

«Fui sempre um grande admirador das robustas inteligências» e os homens de excepcional envergadura mental tiveram por mim uma tocante simpatia.

Eduardo Coelho, pai, foi meu protector, sem dispêndios de dinheiro, é claro. Foi por influência do seu conselho que no Colégio Parisiense, no Rato, inicii a carreira das letras — das primeiras letras...

Silenciou-se para sorver um gole de aguardente. Aproveitamos aquela pausa para lhe falarmos de um assunto que mais excitava a nossa curiosidade.

— Disseram-me que você recitou a *Lágrima* junto do sarcófago de Guerra Junqueiro. É verdade?

— É falso! — exclamou o ilustre professor. — Desminta essa atoarda, Guerra Junqueiro! Conheci-o... Era uma grande alma e um cérebro privilegiado! Vou contar-lhe o que me aconteceu por sua morte.

«Eu estava a almoçar na «Tia Iria». De repente vieram-me dizer:

— Sabes quem morreu? O teu grande amigo Guerra Junqueiro.

«Não quis ouvir mais nada. Larguei tudo, deixei o almoço, que não era mau, e corri a casa do autor de *Os Simples*. Era verdade, tinha acabado de falecer. Eu era a primeira pessoa, note bem, a primeira! que o visitava depois de morto. Penetrei na câmara ardente e beijei-lhe a mão, que ainda estava morna. Coitado!»

E Campos Ferreira enxugou uma lágrima de imensa saudade.

Um cálice de «cana» reanimou-o. As bebidas espirituosas sempre foram gratas ao seu espírito... É ele que o confessa agora, recordando a sua alegre mocidade:

— Gostei muito do bom vinho. Ai, o bom vinho!... Uma posta de peixe frito, salada e vinho... Uma guitarra trinando!... Amo as coisas boas da vida. Sei apreciar, sei apreciar...

— E mulheres?

Perante esta pergunta Campos Ferreira pôs-se súbitamente sério e, em voz profunda, vibrante, romântica, confessou:

— Tive vinte e quatro amantes... Vinte e quatro!

Mudámos de conversa. Achei que seria demasiada indescricção recolher as confidências amorosas do «D. Juan» português. Insisti na sua carreira das letras, brilhantemente iniciada no Colégio Parisiense.

— Fui professor de ensino livre, instrução primária e secundária e agora, há mais de dez anos que não trabalho — informou-me,

modestamente. Tenho escrito nas principais gazetas do país: *Diário de Notícias*, *Tarde*, de Urbano de Castro, *Século* e outros. Fundei o antigo *Imparcial*, *Actualidades*, com o saudoso Luís Derouet e Gustavo Martins de Carvalho, a *Publicidade*, e o jornal académico do Liceu Camões, *A nova Justiça*.

Quizemos saber de alguns dos seus méritos literários.

— A minha obra é fragmentária: Um discurso que proferi no cemitério dos Prazeres, junto do cadáver da Duquesa de Palmela, que foi minha protectora; outro discurso junto do sarcófago do Monteiro dos Milhões, que me deixou, coitado, uma pensão de seis tostões por mês. E comeci a escrever o romance da minha vida que intitulei *Realismos da vida, retalhos do coração*. Publicava-se num jornal de Estarreja. Não o completei. Fazia-me mal recordar as passagens desta vida...

— Mas o seu nome como escritor e poeta é universalmente conhecido...

Encolheu os ombros, desdenhoso da sua fama, e recitou:

*Eu sófro tanto, tanto
Que no próprio sofrimento
Já sinto certo encanto.*

— Gosta? — perguntou-me.
— Muito.

Voltou a recitar:

*Eu queria cantar meus versos,
Cantá-los com todo o brilho,
Mas trago a alma doente
Com saudades de meu filho.*

— Que tal? — inquiriu-me entusiasmado.
— Esplêndido! — exclamei.
— Agora, uma quadra satírica.

E recitou ainda:

*Quando Deus formou o mundo
Cometeu uma crassa asneira
Não fez todos os homens
Como eu, Campos Ferreira.*

— E então?

— Admirável — respondemos. — Sabe que dizem que você é doído?

— Desminta! — protestou-me. — Vou con-



Campos Ferreira e o entrevistador junto do monumento do poeta Chiado.

tar-lhe um caso curioso da minha vida que o elucidará sobre o meu estado mental.

«Um dia, acompanhado por uma testemunha, fui a Rilhafoles e perguntei ao dr. Júlio de Matos:

— «Doutor, diga-me se eu estou doído».

«O ilustre psiquiatra riu-se e disse-me:

— «Você, Campos Ferreira, se estivesse doído não mo vinha perguntar».

Meditámos naquela anedota. Ele meditou também. O silêncio tornou-se mais denso e triste. Súbitamente, o filósofo ergueu-se e, em voz consternada, lamentou:

— Afinal, o Júlio não vem. Mas você pode substituí-lo.

— Eu?

— Sim. Por acaso não tem duas «corôas» que não lhe façam muita falta?...

MÁRIO DOMINGUES.

DR. LEMOS BRITTO

(N. da R. — Reproduzimos nesta página as palavras de homenagem do nosso querido colaborador Alcântara Carreira, na festa que a Illustração ofereceu ao ilustre brasileiro.)



Dr. Lemos Britto

Há pouco mais de três semanas que se encontra em Portugal o dr. Lemos Britto.

Veiu a convite do Ateneu Commercial do Porto fazer ali uma conferência que realizou com tal successo que os aplausos pareciam não querer findar; e nove banquetes lhe foram, a seguir, oferecidos, em onze dias!

Chega a Coimbra; e a antiga e nobre Universidade abre-lhe a sala dos Capêlos, magna honra, para a sua segunda conferência entre nós, outro grande successo. Os estudantes oferecem-lhe por tapete as suas capas. E depois dum banquete entusiástico, o bispo conde e a Academia fazem-lhe na estação uma cativante despedida. Bem haja a minha terra natal!

Entra em Lisboa onde já passara as horas que aqui demorou o vapor que o trouxe do Rio ao Porto. O Chefe de Estado, senhor General Carnota, digna-se recebe-lo immediatamente, altíssima distincção. O ministro dos Estrangeiros, dr. Bettencourt Rodrigues, acolhe-o, no dia seguinte, com fina gentileza e retribue-lhe rapidamente a visita. O ministro da Instrução, dr. Alfredo de Magalhães, seu eventual companheiro de viagem, de Coimbra a Lisboa, com quem largamente conversou, aguarda ensejo para o obsequiar, sentando-o à sua mesa. O ministro da Justiça estava ausente, em Espanha.

O presidente e o vice-presidente da Ordem dos Advogados, drs. Vicente Monteiro e Mário Pinheiro Chagas, visitam-no e levam-lhe as saudações da jurisprudência portuguesa.

A Sociedade de Geografia oferece-lhe as suas salas para a sua conferência em Lisboa. E apesar de apenas durante um dia a imprensa falar da mesma, apesar do período carnavalesco em que já se estava, apesar do assunto da conferência ser de filosofia politica, a sala Algarve encheu-se a transbordar das mais destacadas individualidades do meio jurídico, do meio literário-jornalístico, do meio social de Lisboa, que lhe fizeram calorosa e demorada manifestação de apreço. A palavra fluente de Sousa Costa dissera-lhe antes um hião ao Brasil e ao conferente. Depois é o *Diário de Notícias* levando-o a Sintra e ao Estoril, por entre verduras e monumentos. É a Embaixada do Brasil consagrando-numa festa linda. O Club Brasileiro honrando-o. O lar de D. Emilia de Sousa Costa acarinhando-o. As direcções da Casa Pia, da Penitenciária, do Reformatório Padre Oliveira e da Tutoria da Infância, homenageando-o; e hoje a *Illustração*, na sua casa de trabalho tipográfico, a oferecer-lhe singelamente um calice de vinho do Porto.

E isto tudo, não muito, embora, representando bastante, se olharmos a que o dr. Lemos

Britto aqui chegou em vespuras de Carnaval, como já disse, e já amanhã foge à nossa admiração, por ter necessidade de ir a Madrid, abandonando, por nossa causa, a ida a Paris, porque quer dar-nos ainda três dias, antes de regressar a 1 do próximo Março, ao seu grande e luminoso Brasil.

Mas quem é este homem, este brasileiro tão simples, tão modesto, embora tão distinto, no trajar, nas maneiras e no falar comum?

Em Portugal, alguns, poucos, sabiam que no Brasil existia um dr. Lemos Britto, juriscônsulto, orador e jornalista. Vagamente. Eis porque me bato há vinte e cinco anos para que Portugal seja mais conhecido no Brasil e o Brasil em Portugal. É quasi um crime este pouco conhecimento que existe entre as duas nações, uma filha da outra, e ambas falando o maravilhoso português. Há bem pouco não se conhecia no Brasil o nosso Manuel Ribeiro, primoroso prosador.

Mas quem é o dr. Lemos Britto?

Os nossos jornais já têm dito muito, o suficiente para pôr em destaque a sua nobre individualidade de jurista, de jornalista, de orador.

Mas falta tanto, tanto!

Eu que em vinte e cinco annos, vinte vezes fui ao Brasil, e dez vezes á Bahia, sua terra natal e campo das suas primeiras vitórias, sei alguma coisa mais do que o que do dr. Lemos Britto, se tem dito, na imprensa portuguesa.

Não direi tudo, que vos roubaria muito tempo e magoaria a modestia do alvejado.

Eu pergunto aos que, como eu, acompanharam ao Rio o presidente Almeida: quem estava ao lado de Rui Barbosa quando o então nosso Chefe de Estado foi visitar o grande brasileiro hoje desaparecido? Lemos Britto, entre raros dos seus eleitos.

É que o grande Rui apreciava-o tanto que por ele se fazia substituir em certas sessões de propaganda politico-social na Baía, tornando-se seu porta-voz e porta-ideias. Quem enviou o Brasil ao Congresso da Criança, do Chile; o dr. Lemos Britto, ali fazendo conferências notáveis, nesse congresso, na Corte do Supremo, e na Universidade.

O Brasil decretou a organização dum Conselho Penitenciário e que dêle fizessem parte os seus maiores juriscônsultos. Escolhidos: Cândido Mendes de Almeida, Sá Freire, antigo presidente da Ordem dos Advogados, e Lemos Britto.

Amigo fraternal do actual Chanceler do Brasil, o último número do *Illustração Brasileira* lá o traz ao lado do ilustre dr. Octavio Mangabeira, quando da assinatura do novo convênio com o Perú.

O Rio tem uma modelar instituição de menores abandonados, a Escola 15 de Novembro, orgulho de nacionais e admiração de estrangeiros: quem é o director? Lemos Britto, que é também membro da Sociedade de Direito Internacional.

E na imprensa?

Antigo redactor-em-chefe do *Jornal de Notícias*, *Jornal Moderno*, e *Correio da Manhã*, da Baía, mais tarde director dos *Imparcial* e *Diário da Tarde*, da mesma capital, é hoje colaborador dos principais jornais do Rio.

E como publicista?

Está aqui um dos seus últimos livros («Solanho Lopez e a guerra do Paraguai») e diz-nos no ante-próto o nome e número das obras de Lemos Britto — número 31.

É preciso notar que a que se intitula «Sistemas Penitenciários no Brasil», são três grossos volumes exgotando o assunto e para a factura do qual fle atravessou toda aquela nação.

Ah! Se Vossas Excelências conhecessem as homenagens que o dr. Lemos Britto tem tido dentro e fora do seu país, dentro do seu país sobretudo!

É ler o que diz da sua partida para Portugal, o grande *Jornal de Comércio* do Rio, por exemplo. E toda a imprensa brasileira atinou pelo mesmo diapasão.

A Associação Commercial do Rio de Janeiro e a Federação das Associações Comerciaes do Brasil, elegeram-no seu alto representante junto das congêneres do Chile, o que resultou numa apoteose ao Brasil, numa sessão por estas últimas organizada.

A mentalidade sul-americana ofereceu-lhe lá tempos um allum — veludo e outro — cuja primeira assinatura foi a do dr. Artur Bernardes, então presidente da República, raro preto a um intelectual.

Em dois congressos internacionais o dr. Lemos Britto foi aclamado o orador official pelos representantes de todos os países da América.

O que lhe estamos, portanto, fazendo em Portugal, é pouco, mas sincero, é pouco, mas expontaneo, é pouco mas é justo.

Devo, porém, dizer a v. ex.^{ta} que o dr. Lemos Britto está sendo, desde que chegou a Lisboa, alvo de uma homenagem especial, que nunca em Portugal se prestou, mas que não me concedem permissão para descrever. Outras se lhe seguirão ainda, assim creio.

É a própria homenagem a que estais assistindo julgo que tem de inédito a ser a primeira no seu género que se tem prestado em Portugal, pelo local em que se realiza.

Permita-se-me que a cognomine de gentilíssima e que enderece aos directores da *Illustração* os meus maiores parabens por ela honrar o Brasil na pessoa dum seu tão ilustre filho, nosso distinctíssimo hospede.

ALCANTARA CARREIRA

NOTA. — A homenagem social a que me refiro na do *Diário de Notícias*, oferecendo hospitalidade ao dr. Lemos Britto num dos nossos melhores hotéis, a que o grande jornal se não referiu durante a estada em Lisboa do ilustre juriscônsulto e que só foi tornada publica por instante pagão do homenageado em carta que lhe dirigi ao partir.

A. C.



Durante o chá na Embaixada Brasileira



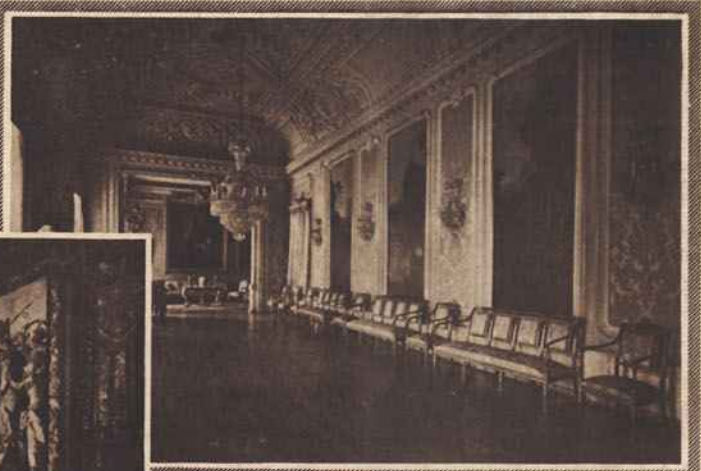
A CASA PORTUGUESA



PALÁCIO DOS SRS. CONDES
DE BURNAY NA JUNQUEIRA

LISBOA

(Continuação do nosso número 52)



SALÃO DE BAILE

SALÃO DE ENTRADA

SALA DAS COLUNAS

SALA DA MÚSICA

SALA DE LUIS XIV



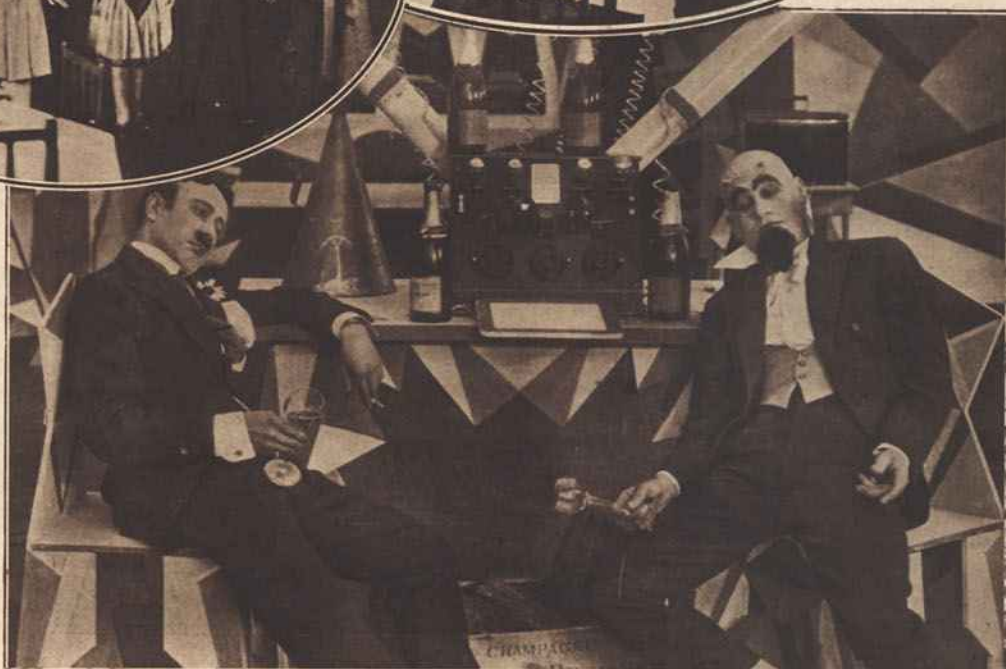
A indústria cinematográfica portuguesa parece inteiramente aniquilada, depois dum período bastante interessante, em que, sobretudo no Porto, se realizaram tentativas corajosas, apenas prejudicadas pela mania de entregar toda a direcção a estrangeiros sem gosto artístico e categoria mental, nem idade, para implantar no país esta bela indústria de produção. Fracassos financeiros, falsamente atribuídos à pequenez do meio, na verdade causados pelos monopolistas de exibição, que estultamente fazem o jogo dos produtores americanos que, mais tarde ou mais cedo, os hão de esmagar como esmagaram os negociantes brasileiros, fracassos financeiros, dizia-

mos, impuseram a paralização de trabalhos. A espaços, porém, algum entusiasta mais ousado, algum artista de coragem lança um pequeno trabalho, porque neste pequeno país se não pode pensar em trabalhos de monta, mas logo o esforço se lhe some na indiferença geral e no snobismo que quer tudo o que seja estrangeiro.

Um dos pioneiros do cinema em Portugal é Artur Costa de Macedo, operador de altas qualidades de competência técnica e de inteligência. Pois esse belo rapaz, um dos poucos que ainda não desanimou, vai lançar no mercado um filme intensamente curioso, em que ele só, supriu a falange enorme dos técnicos de produção e que se chama, pitorescamente, *O Diabo em Lisboa*.

Sem pretensões a super-produção, mas honestamente realizado, com artistas portugueses e por Artur Macedo, o único grande operador português, *O Diabo em Lisboa* deve obter um magnífico sucesso de exibição. Efectivamente, trata-se duma fantasia curiosa. *O Diabo*, por uma série de peripécias jocosas, quer saber como se ama em Lisboa e aponta para a cidade de mármore e granito a sua máquina de infernal tele-visão. Entra, então, o olhar agudo de Satan em todos os meios sociais, na sociedade alta que se diverte em *dancings* e clubes e na baixa camada das vielas, que sofre e canta a divina canção das lágrimas e da saúde, que é o fado. Numa e noutra camada se esbo-





com idílios, cada qual à sua maneira e no espaço duma noite, almas penadas que o Demo lança sobre a terra, num gesto chocarreiro, complicam a vida dos mortais, introduzindo-lhe peripécias imprevisíveis.

Por fim, tudo acaba. O Demo, contagiado pela alegria do que viu, busca no Champagne uma alegria artificial e termina, deixando de ver Lisboa, porque o espumoso néctar lhe deu volta no infernal moinho.

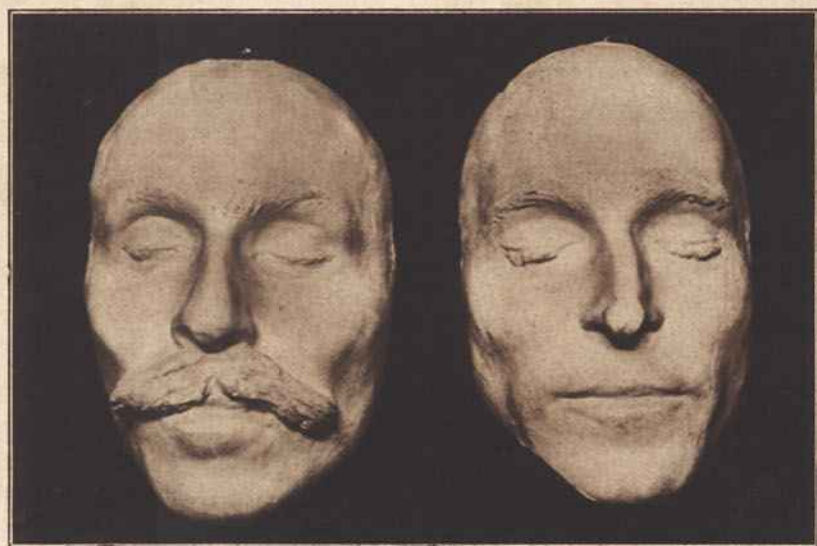
Todo o filme é, pois, curiosíssimo, pela variedade do seu assunto.

AS MASCARAS DA MORTE

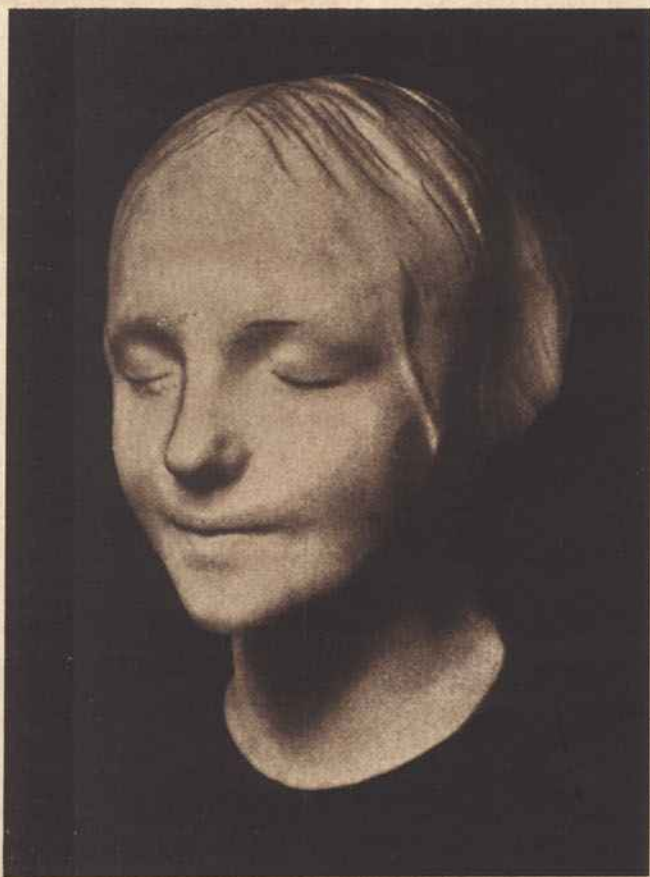
O eterno Carnaval da vida vai sempre, inexoravelmente, findar num Carnaval novo, o Carnaval trágico da Morte. E é nesse Carnaval supremo que aparecem as mais lindas máscaras, cheias de doçura ou encanto, trágicas, arrepiantes, contraídas em espantosos rictus, ou alucinantes de verdade revelada através os seus traços fundos, vineados, dolorosamente caricaturais.

No momento final, quando acabado o Entrudo mentiroso da vida, cai sem remédio a máscara afivelada ao rosto durante uma vida inteira de mentiras ou dissimulações, a mão de Deus, imensa como a Justiça sagrada que de fle emana, desce sobre o rosto revelado à luz dos seus olhos e plasma-lhe nas linhas agora insensíveis, adormecidas para sempre, a ironica máscara da suprema Verdade, daquela esquecida Verdade que fle manda que se diga na vida, que não só na morte.

E essa última caraça é quasi sempre uma caricatura genial como genial é sempre o Divino. Não é uma dissimulação mais, é uma sentença definitiva, lavrada e executada em requintes de Beleza ou de Grotresco. Na última expressão de alguém



As máscaras de Sacco e Vanzetti, os executados de Boston



A enigmática máscara sorridente da «Afoçada do Sena»

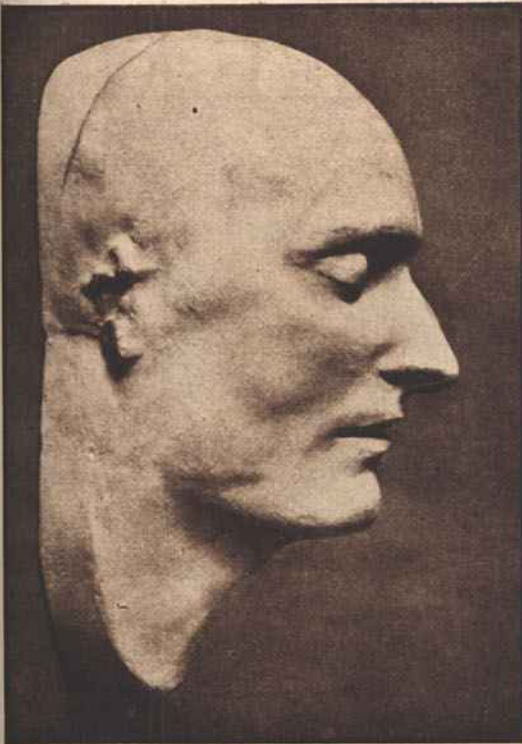
que vivem, surge uma nova vida, uma vida reproduzida num cliché único, sincopado de todos os momentos duma vida que devia ter sido e que a mentira não deixou que fosse.

A máscara dos mortos é a derrota do Falso, da Hipocrisia e da Hediondez dos convencionalismos sociais naquilo que eles tem de contrário às leis sublimes

que, por vontade suprema, regem a humanidade. É a essa hora última que, na face da nulidade, que as convenções arvoraram em sábio, surge, plasmada, uma expressão incontestável de idiota, no cobarde tido por valente a expressão do médo invencível, no larapio havido por conspicuo, um sorriso velho de trapaceiro. Que fantásticas ironias! Todos se desmascaram sob a nova máscara!

Só os santos, os santos e os justos, conservam na morte a sua inalteravel placidez, a placidez inalteravel dos que bem viveram e daqueles para os quais a morte é prêmio natural da bondade Divina.

fesses, sim, os santos, morrem com um doce sorriso nos lábios, aquê mesmo sorriso enigmático e brando que a Morte colheu e conservou nos lábios exam-



A máscara mortuária do grande Napoleão Bonaparte

gues da «desconhecida do Sena», a afogada misteriosa, certo, certo, uma santa de amor, crucificada na paixão. Nos seus delgados lábios tão leves, um sorriso supremo, de supremo encanto, deixou mais perfume e mais beleza do que todos os poetas da humanidade tem acumulado nos seus versos mais formosos, mais cheios de emoção e de anseio, quer glorifiquem a vida ou cantem a morte!



A energia e a decisão formidáveis do duque de Wellington ficaram para sempre na sua máscara

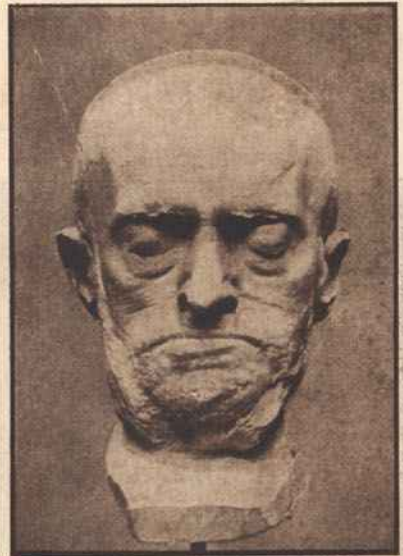
Mas nem só essa desvenda a nossos olhos a suprema verdade. Há enigma nas expressões de Sacco e Vanzetti, sobre cuja morte persiste ainda uma trágica interrogação, e há satisfação, dum imenso orgulho, no perfil cortante, gume acerado, da máscara mortuária do homem que caiu em Waterloo, ferida de morte a águia da sua ambição ilimitada.

Se na placidês espirituosa de Henri Heine ante a morte, podemos ler o mais acerbado trabalho de crítica à sua obra, a máscara férrea do homem que a história chamou o duque de Ferro, Ar-

premo que lhes plasmou a Verdade, no momento definitivo em que ao mundo deram o seu último alento.

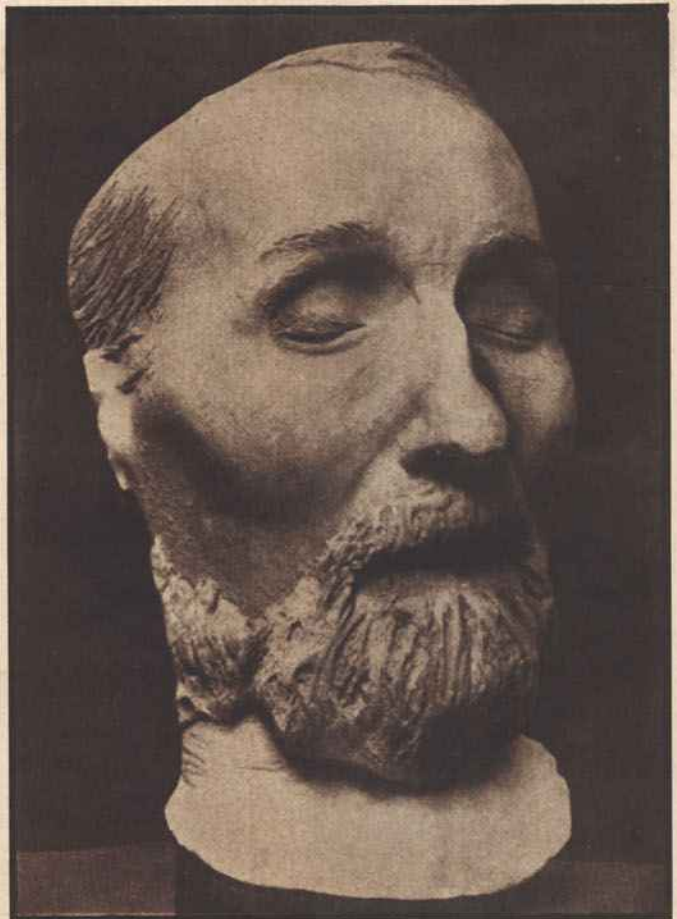
E a todos caiu, na verdade, a máscara, afivelada uma vida inteira de dissimulação e, talvez, de hipocrisia. Todos se mostraram na morte diferentes do que foram na vida imensa de enganos e, por isso, só se desvendaram forçados pela mão implacável do Todo Poderoso e Todo Justiciero.

Só os Santos na sua magnífica pureza



A máscara hostil, áspera, do pintor Adolfo Menzel

e na sua magnificante bondade afivelam voluntariamente, com verdade e singeleza, a máscara definitiva da Morte. Os Santos... ou os demónios, os grandes perversos da vida que encaram também a Morte com um rictus de infernal desafio. J. S. F.



A derradeira expressão de Henri Heine, fixada na sua máscara mortuária

Um vestido de soirée que vai buscar a elegância à extrema simplicidade. Crêpe da China branco, saia em godets, decote em redondo e um grande molho de botões no ombro

(Foto Manuel Frères)



NO OVAL, ao centro — Criação de Cora Marson, faíscas negro enfeitado com um entrançado de lamé, prata, ouro e verde

(Foto Manuel Frères)



FEMININA

NO OVAL, à esquerda — Criação Max Michels em tecido de W. marinheira e baindeiras brancas

(Foto Manuel Frères)

EM BAIXO — Lindo «deshabillé» em crêpe setim azul celeste forrado em crêpe georgette do mesmo tom e com almofadado

(Foto Henri Manuel — Criação Calvayrac)



EM BAIXO, à direita — Sombrinha em musselina de dois tons, estampada e trabalhada. — Criação Vedrenne

(Foto H. Manuel)



NO MEDALHÃO, em baixo — Turbante em setim, dupla face, cinzento de prata e branco, criado por Cora Marson

(Foto Manuel Frères)



VIDA ARTÍSTICA



ELEONORA AMZEL.

GRANDE ARTISTA POLACA, «VIRTUOSA» DO PIANO, INTERPRETE MAGNIFICA DOS GRANDES CLASSICOS DA MUSICA, QUE OBTIVE UM GRANDE TRIUNFO, RECENTEMENTE, NOS CONCERTOS SINFONICOS FAO, NO GIMNASIO

(Foto San Payo)

ILUSTRAÇÃO

TIPOS POPULARES PORTUGUESES



DUZENTOS ANOS...

(Cliché do amador Baptista Duarte — Nazaré)

A CIVILIZAÇÃO EUROPEIA E A "BARBARIE", NEGRA

A Europa teve sempre o monopólio da pedestriania e da fanfarraria. No dizer enfático dos seus panegiristas de mais elevado coturno, nenhuma civilização patenteou jámais o refinamento, a originalidade e a graça da ininterupta civilização europeia. Esta afirmação é um exercício de hermenêutica, imperfeito e rudimentar, que amesquinha intelectualmente os discípulos modernos dos ladinos sofistas da antiguidade. Desmenti-los nitidamente seria realizar uma façanha de charlatão. Homero, Aristóteles, Phidias, Praxiteles, Epicuro e Plutarco existiram de facto. Os génios hellênicos, eternos e deslumbradores, estão insculpidos na história. E a Grécia é, na verdade, apesar da sua posição geográfica tão visinha da Ásia, uma nação europeia. Por conseguinte, não constitui aparentemente um desafio, entronisar a Europa como densa suprema da civilização.

Mas, em homenagem à verdade, é essencial a realização de um acto complementar. Os sarracenos, os turcos e os cruzados destruíram, com necessárias invasões guerreiras, a hegemonia hellênica. O império romano subalternou a Grécia pela força das armas. O cristianismo, trazido por S. Paulo de Oriente para Ocidente, impôs-se pelo seu incontestável poder de pene-

copio, preferem pintá-la com as cores mais vivas e ilusórias, como os scenografos que precisam deslumbrar o público. Por culpa desses idealistas fanáticos, o povo, instintivamente

çoso reconhecer que a humanidade, genericamente, está inibida de criar novas formas aperfeiçoadas de civilização.

Mas é evidente que o homem, mormente o de raça branca, exgota os nervos e debilita o organismo no frenético esforço quotidiano que realiza para amansar a sua animalidade e para polir os seus costumes. E se ele, com raras excepções, é incapaz, por insuficiência mental, de inventar meios e expressões mais apurados de civilização, como se explica a inquietação e o apego com que segue as transformações progressivas do ambiente social? É que o homem é um animal imitativo. Os próprios adversários das teorias darwinistas consideram axiomática esta afirmação. O homem sente prazer em copiar, em arremedar, em seguir a moda. As faculdades imitativas do homem são notavelmente superiores às do orangotango. Prestemos esta pequena e merecida homenagem à nossa raça tão desacreditada. Mas o homem não imita por instinto; imita por emulação, porque capricha em não parecer nunca inferior ao seu semelhante. A inveja e a vaidade são, por conseguinte, as duas grandes forças impulsivas da civilização. E se todos os homens fossem naturalmente humildes e simples, sem tendências para o pecado, reinaria ainda hoje só-



As «Senegal-Girls» em pleno sertão

simplificador, confunde já progresso com civilização, como se fôsem palavras sinónimas coexistentes por exigências da literatura. Ora a verdade é que, se elas não são antinómicas, estão longe de ser a síntese gráfica de fenómenos absolutamente ignais. A civilização tem um nítido caracter espiritual; resulta da fusão da sensibilidade com a inteligência. O progresso é, na maioria das suas manifestações, a consequência material do egoísmo crescente e sempre insatisfeito dos homens libertos da barbarie. A América do Norte é um país extremamente progressivo. A França ultrapassava em civilização.

A humanidade, constituída na sua maioria por seres condenados ao anonimato integral, gosta de ser mistificada. Os pelotiqueiros, os impostores, os feiticeiros, formam uma verdadeira maçonaria com ramificações que abarcam todo o mundo habitado. O número d'aquelles que os adoram, como os selvagens adoram os fetiches, é verdadeiramente espantoso, representa quasi a totalidade da população terrestre. Os grandes homens do nosso século são os inventores de fábulas os mantenedores da mitologia moderna repleta de semi-deuses e de heróis mais sábios que Minerva e mais poderosos que Jupiter, o deus dos deuses. Foram esses homens vaidosos, que revestem de lanjeontas os acontecimentos mais insignificantes da nossa época, os criadores da teoria absurda de que a humanidade precisa, para ser feliz, de requeijar cada vez mais a civilização. Ora o verdadeiro germen da civilização é a cultura intelectual que, com o decorrer dos séculos, tem adquirido uma aptitude e uma comple-



Um fetiche africano



Outro fetiche de Africa

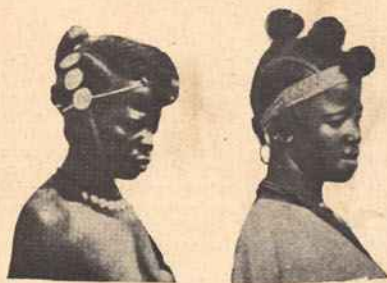
bre a terra a quietação bucólica dos tempos primitivos.

A humanidade, no seu conjunto, é desprovida de espirito inventivo, de potência mental criadora. Arrancada da barbarie por um erro grosseiro dos primeiros génios imaginativos que surgiram no mundo, ela não teve nunca, sob o ponto de vista intelectual, vontade própria. Foi sempre um elemento passivo, maleável, subalterno, obediente às sugestões dos semi-deuses da sabedoria e do bom gosto. São eles que lhe apresentam as novidades, os exotismos, as supremas originalidades, os mais recentes e maravilhosos productos da fantasia individual. São eles que a fazem venerar todas as quiméras, todos os requintes do luxo, todas as excitações dos sentidos, todas as hipocrisias da sociabilidade, todos os excessos do conforto, todas as manifestações artificiais de grandeza colectiva, todos os ruídos e todas as espectacularidades da vida citadina.

A humanidade adapta-se a todas as formas da civilização, como os animiaes domésticos se adaptam a todos os ambientes. Discernir, comparar, escolher, são exercícios excluídos das suas atribuições. Dizem-lhe que a máxima civilização corresponde sempre a maxima felicidade. Architectam, modelam, realizam para ella, essa decantada civilização. E a humanidade

trição espiritual, como um dos mais potentes elementos civilizadores. Roma tornou-se, com bioeciano, a capital do império do Ocidente. Os povos latinos engrandeceram-se metodisand, difundindo e acessibilizando a cultura universal. A Europa transformou-se, tacitamente, numa congregação de estados independentes obedecendo a leis morais comuns ou afins. De derivação em derivação, de progresso em progresso, atingiu o estado actual. Estes factos são incontestáveis. Mas talvez não os podessemos registar hoje, se a cultura e a sensibilidade dos hellenos não tivessem polido o caracter e a inteligência rude dos conquistadores romanos. Aquelles que oferecem ditirambos à civilização européa não deviam omitir que ella provém de uma raça originariamente submetida à influencia fenicia, à influencia asiática.

Notemos, de passagem, que o sentido desta palavra atraente — civilização, tem sido adulterado pelos historiadores e sociólogos contemporâneos. A preocupação, nêles dominante, para os vindouros, de uma aureola fascinadora, impelles à prática de actos de má-fé. Em vez de fazerem a decomposição rigorosa da vida social, como se a tivessem diante de um micros-



Tipos de «coquettes» negras

xidade que só não intimidam os cérebros dotados de uma receptibilidade anormal. E se essa cultura não pode, de facto, ser alcançada pelas inteligências médias ou inferiores, é for-

ingênuo, que se deixa cegar pelo brilho do ouro falso e que ainda crê em milagres feitos por ilusionistas, então em honra da esplendorosa divindade, fútil, artificiosa, inútil, os mais sonoros hinos encomiásticos. Decorridos os primeiros momentos de aturdimento e de extase, ela readquire a serenidade, habita-se ao que lhe parece sobrenatural e miraculoso, começa a olhá-la como uma coisa banal e monótona, semelhante aos chamados lugares comuns...

Mas não será um exagêro de utopistas, uma vangloria estulta de pensadores refinados, garantir que a civilização europeia, prototipo, segundo eles, de todas as civilizações conhecidas, constitui um foco luminoso de onde irradia, para o gênero humano, a felicidade e a beleza moral? Serão os europeus, com a sua arte estudada e complexa, a sua sciência experimen-



Um penteados agarrônicos

tal e utilitária, a sua literatura fictícia e traballada, os seus costumes regulamentados e hipocríticas, as suas comodidades ostentosas e complicadas, mais felizes que os povos considerados selvagens porque não se apropriaram ainda dessa famosa civilização? Os museus repletos de preciosidades, as bibliotecas peçadas de callamações seculares, as cidades plebéricas de monumentos e de palácios grandiosos, evitam, por acaso, a difusão vertiginosa do crime, a expansão demoníaca da miséria, as explosões brutais das idéas imperialistas causadoras de tantas hecatombes e de tantas injustiças? Onde haverá mais socego, um bem estar mais positivo, uma solidariedade de raça mais efectiva, um respeito mais sincero pela vida humana — na Europa, onde predomina um egoísmo atrevido e feroz, ou na África, reconditada e malsinada, onde os negros realizam, sem atrechos, um colectivismo exemplar?

Ainda que este meu conceito pareça, aos patriarcas janotas da seita civilizadora, uma blasfêmia satânica, declaro estar convencido de que os habitantes do sertão, incultos, desprovidos de universidades e de jornais, ignorando a existência da T. S. F. e da filosofia bergsoniana, têm uma vida mais fácil, mais racional, mais virtuosa, mais interessante e original, que a vida delirante dos homens de raça branca, miseráveis criaturas exhanstas de energia e de atenção, perseguidas constantemente pela sciência, pelos prazeres, por todos os deslumbramentos! Os negros sabem, como nós, que tudo o que existe sobre a terra é transitório e debil e que a única força realmente invencível é sobrenatural e se chama a morte. Certos de que a eternidade não é de natureza humana, eles que são, ao mesmo tempo, preguiçosos e assíduos, não tentam sequer lutar com o impossível. Os seus desejos provêm unicamente dos seus instintos e são simples e naturais porque a inteligência não os corrompe nem os avilta.

Conhecem os costumes das populações negras? Estão em absoluta contraposição com o artificialismo e a hipocrisia dos costumes tradicionais da nossa raça. Na generalidade, o negro considera a mulher um mero animal doméstico e não tem por ela um vislumbre, sequer, de respeito. Quando sente a necessidade fisiológica do himeneu, não perde tempo a galantear a noiva que lhe convém: compra como se ela fosse um dente de elefante ou um lote de vidrilhos. Como procedem, em circunstâncias iguais, os brancos civilizados? Com a mesma intenção depreciativa, mas empregando,

para a manter secreta, todos os recursos da dissimulação e da cortezia. O próprio acto aviltador da compra, é hoje vulgar entre os brancos endinheirados, que são os únicos que podem ter caprichos e apetites custosos. Mas esse acto é tão perfeitamente purificado pela lei que chega a parecer revestido de generosidade e de elegância moral. Na verdade, o desafio é comum ás duas raças citadas. Os negros têm, porém, esta atenuante digna de apreço: a sua sinceridade inamulada.

Negam-lhes os etnógrafos da raça branca, que se entretêm, há séculos, a escravizá-los encolbertamente, os dotes mais humildes de inteligência. Um dos argumentos da sua tese consiste em nos lembrar que nas regiões africanas onde não predomina a civilização europeia, a vida local, em todas as suas manifestações, tem um caracter primitivo e apresenta singularidades incompatíveis com a nossa mentalidade inquieta e refinada. O argumento é caprichoso. Seria realmente pueril recusar à civilização europeia, que é uma amalgama de espiritalidade, de elegância e de sensibilidade excessiva, a primazia ideológica que lhe atribuem. Mas confirmar este facto não significa, evidentemente, reconhecer que os negros são insociáveis, insensíveis e acéfalos. A verdade é que eles têm uma concepção, da vida mais simples, menos intelectual que a nossa. Por isso mesmo, a sua moral, os seus gostos, os seus costumes, os seus desejos, diferem completamente dos nossos.

Falta averiguar se os negros, transferidos para o ambiente europeia, rodeados em sucessivas gerações de todos os refinamentos de educação que nos são peculiares, submetidos constantemente à nossa cultura, incorporados sem restrições na sociedade exclusivista de que fazemos parte, excitados fisicamente pelos prazeres do nosso invento, postos em contacto permanente com os mais perfeitos instrumentos de progresso, se mostrariam ou não refractários a assimilar integralmente a nossa civilização. Creio que a assimilariam. Se eles persistem, ainda hoje, em conservar, puros e rústicos, os seus costumes primitivos, e se mantêm alheios à nossa profusa e barallada cultura intelectual, é positivamente porque estão muito longe da Europa e esta se limita a exercer em África uma acção coerciva, por intermédio dos seus funcionários, negociantes e sócios. Os brancos não pensaram ainda, a sério, em transformar, pela instrução intensiva e pela europeização pacífica da vida sertaneja,



Um requinte de penteados africano

a mentalidade e a psicologia dos negros. Colônias não é sinónimo de civilizar. A posse do imenso continente africano, que os brancos obtiveram pela força e pelo terror, não representa, em boa verdade, um acto humanitário, porque a chamada barbarie dos indigenas, para eles encantadora e cómoda, não tem sido abrandada pela applicação nesses territórios dos princípios de igualdade e de fraternidade decantados pelos homens da nossa raça. Se os negros ainda não se integraram, colectivamente, na nossa civilização, é porque nunca a enxertámos em África com entusiasmo e boa fé.

O que a má parte dos colonialistas tem feito é rebaixá-los excessivamente, attribuindo-lhes todas as imperfeições naturais e morais como a mais antipática falta de sinceridade. Afirmar, duma maneira peremptória, que o negro não tem inteligência nem sensibilidade, é mistificar o público, crédulo de sua própria

natureza. Os factos, comprovados por viajantes desapassionados em livros infelizmente pouco difundidos, desmentem de modo categorico essas afirmações. O negro possui uma curiosidade infatigável que se assemelha à das crianças quando ellas principiam a raciocinar. Não está privado de memória; o que a tem é pouco exercitada. Aprende sem aborrecimento o que lhe ensinam, desde que se convence de que isso lhe concede vantagens. Não é mais rade de inteligência que muitos dos montanhezes do nosso país. Esculpe, modela, desenha e pinta por instincto e engenhosamente. A arte negra, espontânea e característica, traz ainda hoje maravilhados os artistas europeus mais inspirados. A escultura em madeira de figuras humanas, grotescas ou terríficas, realizza-na os negros com uma destreza e com uma intenção expressiva verdadeiramente notáveis. A facilidade que elles revelam, coloca-os muito



Arquitectura capilar

acima dos meros artífices. Os fetiches, as estatuas em argila e em metal, as tampas tumulares, os inúmeros objectos decorativos que elles criam, não denotam sómente imaginação. É incontestavel que os negros sabem equilibrar admiravelmente os elementos ornamentais e que o instincto os compensa, com largueza, do seu desconhecimento da sciência da composição.

Há hoje, na Europa e na América, em colleções particulares, tecidos e tapetes, desenhados e laborados pelos indigenas africanos, de gosto delicado e de execução perfeita.

Os objectos de uso doméstico ou guerreiro raras vezes deixam de ser por elles esculpidos ou pintados e ostentam sempre uma bizarria que nos encanta a vista. Nas dansas gentilles não há movimentos grosseiros nem brutais; todas ellas são de um rythmo perfeito e dão origem a quadros plásticos tão harmoniosos como os que se exibem nas mais ensaiadas *feeries* parisienses. A mesma suavidade, o mesmo respeito pela cadência, o mesmo equilibrio, se notam invariavelmente na execução pelos negros da sua música melancólica e triste. As mulheres, esbeltas e de boas formas, cultam a *coquetterie* com uma desenvoltura parecida com a das europeias. Os anéis, os brinços, os braceletes, todas as jóias de adorno, são para ellas objectos de tentação. Os penteados, caprichosos e multiformes, revelam invencíveis preocupações de elegância. As próprias tatuagens, que transformam certas virgens púberes em verdadeiras estatuas negras estilizadas, representam um sacrificio feito em honra da beleza. O nú feminino, que o pudor dos brancos só admite em recatadas exhibições de alcova, não possui, entre os negros, nenhuma intenção imoral; é a consequência do culto que elles têm, como os gregos o tiveram, pela divina perfeição corporea de Aphrodite.

Visto o que fica exposto e que não é senão um resumo apressado da vida caluniada dos negros do sertão, parece-me estar provado que elles disfrutam de uma barbarie simpática, evidentemente menos esplendorosa e retumbante que a celebrada civilização europeia, mas, sem paradoxo, mais conforme com o espirito do cristianismo, alheio a todas as ostentações e a todos os mundanisms. A pest de ser assim, confesso a puridade que a civilização europeia me atrai como um ímã. Ela é, para mim, o que o ópio é para os entorpecidos orientais: um veneno necessário. Fraquezas humanas!

VICTOR FAUCO.

MÚSICA

AS SONATAS PARA PIANO E VIOLINO ATRAVÉS DOS SÉCULOS XVII A XX

mais tarde «ternária», de tão ricas consequências.

Contudo, primeiro que essas magníficas possibilidades viessem a ser realizadas, primeiro que aparecessem temas característicos, e que por sua vez esses temas se apresentassem de modo a originar acção musical, tal e qual como duas personagens originam acção dramática, primeiro que a sonata adquirisse a magnitude de equilíbrio,—a «variedade dentro da unidade» que a assemelham a um monumento arquitectural,—havia de correr algum tempo povoado de inúmeras tentativas.

Foi essa evolução lenta e progressiva que Tomás de Lima e Campos Coelho quiseram evidenciar pela própria literatura musical. Iniciando a sua série de sete concertos com uma sonata de Corelli, não se apressaram a chegar ao nosso conhecido e querido molde de «sonata» fixado por Haydn e Mozart, alargado por Beethoven, coroado por Cesar Franck. Nos três primeiros concertos, apresentaram 14 sonatas de autores anteriores a José Haydn!—algumas interessantes por qualquer inovação, pequenina para nós mas que não deixaria de ser importantíssima na quella época, muitas assinadas por nomes que foram ilustres entre os célebres violinistas italianos ou os músicos de corte franceses e que o nosso público desconhecia ainda,—Sénaille, Aubert, Sammartini, Nardini,—quasi todas em primeira audição, mesmo que o autor seja nome já mais ou menos conhecido entre nós, como J. S. Bach, Vivaldi, Tartini, Locatelli, e todas obras de valor musical intrínseco.

No 4.º e 5.º concertos, eis-nos chegados aos nomes venerados de Haydn, Mozart, Beethoven, Schumann, com a sua veemente e soberbamente romântica «Sonata em ré menor» e Cesar Franck...

Mas Campos Coelho e Tomás de Lima afastam-se novamente do terreno conhecido, e depois de nos ter mostrado a sonata ao seu último grau de perfeição, prosseguem na sua divulgação, apresentando-nos sonatas do fim do século passado, e contemporâneas. Excepto a linda «sonata em sol maior», de Brahms, são novamente cinco primeiras audições: Sonatas de Debussy, Victor Vreulis (belga), Ottorino Respighi (italiano), John



Campos Coelho



Tomás de Lima

Não foi de pequena envergadura a tarefa em que Tomás de Lima e Campos Coelho empenharam o seu amor pela arte, a sua inteligência musical e os seus dotes de violinista e pianista, respectivamente.

Quando orve falar numa «sonata», o mais leigo do amadores de música sabe que se trata duma obra importante, de largas proporções e base firme. De facto, assim é, e desde mais dum século já; mas na origem, nem se sabe ao certo em que período do século XVI, na Itália, (onde reinava extraordinária actividade artística), o termo «sonata» foi empregado para peças sem analogia alguma com a nossa «sonata» conhecida, tirando a aplicação do próprio sentido, como é natural: «Canzone a sonar...»

Nessa altura, a Renascença musical estava cumprindo o seu papel ao mesmo tempo inovador e reacçãoário, com a sua arte individual em oposição à arte colectiva da Idade-Média. Os bailados de corte, airosos, ritmados de vária sorte, tentavam o instrumentista; de aí, a origem da «suíte», feixe de peças com uma «abertura», ou «prelúdio», ou «sinfonia», e de vários tipos de danças lentas e vivas alternadamente,—mas compostas para o agrado meramente musical, por vezes. E o termo «sonata» (adoptado para peças cujo instrumento solista não era de teclado) foi servindo para composições que o autor queria marcadamente separadas do intuito de acompanhar a dança...

Foi quando apareceu o grande Arcangelo Corelli, que viveu desde os vinte e sete anos em Roma, onde morreu, isto é, de 1680 até 1713. Essas formas rudimentares, com ou sem carácter de dança, ganharam então unidade de concepção, e apareceu em certos «andamentos» o embrião da forma chamada

Ireland (inglês), Karol Szymanowski (polaco).

O quadro está completo, e a lição foi de valor. Seguida por uma numerosa assistência, com uma atenção que foi pouco a pouco tingindo-se de entusiasmo, o seu melhor enaltecimento será o seu alcance pedagógico, que está longe de ter acabado com a última sonata do último concerto.

Havia já dois anos que os dois artistas trabalhavam neste empreendimento, e se é muito pelo que representa de persistência, é pouco atendendo ao labor árduo que representa tecnicamente, tanto mais que Tomás de Lima e Campos Coelho se houveram sempre brilhantemente. Algumas interpretações merecem menção especial pelo brilho especial ou a caracterização que alcançaram,—as sonatas de Veracini, Locatelli, Mozart e Victor Vreulis.

Deve acrescentar-se que a associação académica do Conservatório Nacional de Música teve um belo gesto,—com os consequentes trabalhos e louros,—tratando da organização destes sete concertos. E Luís de Freitas Branco, que escreveu para os programas uma preciosamente instrutiva nota biográfica acerca dos autores cujas obras iam ser reveladas, abriu o primeiro concerto com uma oportuna palestra, altamente instrutiva, sobre a evolução da sonata e o importante papel dos violinistas italianos na aparição e no desenvolvimento da «sonata» (considerada como forma de arte, e não já apenas como «canzone de sonar»).

Esta realização, que acaba de ser completada no Salão do Conservatório, foi, pois, a todos os títulos, um belo exemplo e um memorável acontecimento.

FRANCINE BENOIT.



ATLANTIDA

ROMANCE

(Romance votado no concurso do Magazine Bertrand e publicado nas nossas páginas por acôrdo com aquela revista)

de PIERRE BENOIT
ILUSTRAÇÕES DE ROBERTO NOBRE

— Já lá vou, já lá vou, Ferradji, dize que já lá vamos. Ah! se eu pudesse adivinhar... Mas é tão extraordinário, um oficial que conhece Procles de Cartago e Arbois de Jubainville... Mais uma vez... Mas eu tenho de apresentar-me: O senhor Estevão de Mesge, agregado à Universidade.

— Capitão de Morhange — disse o meu companheiro.

— Tenente de Santo-Avito — disse eu. — É certo, meu caro senhor, que sou muito capaz de confundir Arbois de Cartago com Procles de Jubainville. Em tempo tratarei de remediar esta ignorância. Por agora, o que eu queria saber é onde nós estamos, o meu companheiro e eu, se somos livres, ou que poder oculto nos prende. O senhor tem ar de estar bastante à vontade na casa, para me dar esta informação, que tenho a certeza de julgar capital.

O sr. de Mesge fitou-me. Passou-lhe pelo rosto um sorriso velho. Abriu a boca...

No mesmo instante retiniu uma campainha com impaciência.

— Daqui a nada lhes explicarei, nobres senhores, lhes explicarei... Agora o que é preciso é irmos depressa. É a hora do almoço e os nossos comensais começam a estar fartos de esperar por nós.

— Os nossos comensais?

— São dois. Somos nós três — o pessoal europeu cá de casa — o pessoal permanente — acrescentou, com o seu sorriso inquietador. São dois originais com quem desejarão, supponho eu, ter as menores relações possíveis. Um, é homem de igreja, espírito acanhado, a pesar de protestante. O outro é um velho maluco, um antigo estroina.

— Devia ser a voz dêle a que eu ouvi esta noite. Estava a jogar com o senhor e com o pastor, não é verdade?...

— O sr. de Mesge fez um gesto de dignidade ofendida.

— Que está a dizer?! Comigo! Ele joga mas é com os tuaregues. Tem-lhes ensinado quantos jogos se podem imaginar. É êle que está a tocar a campainha com tôda a fúria para nós irmos depressa. São 9 e às 10 abre a sala de jogo. Vamos. E parece-me que lhes não há de desagradar refazerem-se um pouco.

Seguimos o sr. de Mesge por um longo cor-

redor sinuoso, com muitos degraus. O caminho era escuro; mas, de espaço a espaço, em pequenos nichos cavados na rocha brilhavam lamparinas côr de rosa e vasos em que se queimavam perfumes. Os perturbantes odores orientais embalsumavam a sombra, e faziam suave contraste com o ar frio dos picos nevados.

De vez em quando cruzávamos com algum branco, mudo e impassível fantasma, e ouvíamos ir-se apagando, atrás, o ruído das suas babuchas.

O sr. de Mesge parou diante de uma porta forrada do mesmo metal pálido que eu já observára nas paredes da biblioteca, e afastou-se para nos deixar passar.

A casa de jantar em que entrámos tinha pouca semelhança com as europeias; mas o seu conforto era maior que muitas destas. Tinha uma larga varanda como a da biblioteca, mas que deitava para o exterior, ao passo que a da biblioteca olhava para um jardim que ficava dentro da corôa de montanhas.

Não havia mesa ao centro, nem êsses móveis bárbaros a que chamam cadeiras. O que havia, era grande quantidade de credências à moda veneziana, de madeira dourada, tapêtes à farta, de côres distantes e apagadas, e muitas almofadas tuaregues ou tunesinas. No meio da casa, em cima de uma grande esteira, entre jarros de prata e bacias de bronze cheias de água perfumada, estava posta uma refeição, em cestos finíssimos,

que, só de vê-la ficámos contentes como crianças.

O sr. de Mesge apresentou-nos aos dois personagens, que já tinham tomado lugar na esteira.

— O sr. Spardek — disse.

Compreendi quanto o nosso interlocutor se colocava, por estas simples palavras, acima dos váios títulos humanos.

O reverendo Spardek, de Manchester, lêz-nos um cumprimento cerimonioso e pediu licença para ficar com o chapéu alto de abas largas na cabeça. Era um homem sêco e frio, alto e magro. Comia muito, numa atitude triste e intuída.

— O sr. Hielowsky, hêtman de Jitomir — rectificou êste com a mais perfeita cortesia, levantando-se para nos apertar a mão.

Senti logo certa simpatia pelo hêtman de Jitomir, tipo consumado do velho janota. Uma risca lhe separava o cabelo côr de chocolate, vim depois a saber que o hêtman os pintava com uma tintura de Khol. Tinha esplêndidos traços à Francisco José, igualmente de côr de chocolate. O nariz era um pouco vermelho, é certo, mas tão fino, tão aristocrático! As mãos eram admiráveis.

Levei algum tempo a determinar a época da moda que o traje do conde acusava, verde garrafa debruado de amarelo, com uma formidável condecoração de prata e esmalte azul. Lembrando-me de um retrato do duque de Morny, optei por 1830 ou 1862. Da con-



tinuação da narrativa se verá que me não enganára.

Convidou-me o conde a sentar-me ao lado d'ele. Uma das primeiras coisas que me perguntou foi se eu deitava o cinco.

— Isso depende da inspiração, — respondi.

— Bem respondido. Eu não deito o cinco desde 1866. Uma jura por causa de uma paradinha: Uma vez, em casa de Walewsky, jogava-se com mais arlor que no inferno. Deito cinco. Rebento. O outro tinha quatro. «Idiota!» gritou o barõesinho de Chaux-Giseux, que tinha apostado quantias fabulosas no meu pano. Bumba! atirei-lhe com uma garrafa de Champagne à cabeça. Ele abaixou-se rapidamente, e quem apanhou com ela foi o marechal Vaillant. Arranjou-se o caso, porque éramos ambos maçons: mas o imperador fêz-me jurara que nunca mais deitaria o cinco: cumprir a promessa, às vezes, é duro a valer.

E acrescentou com voz melancólica:

— Prove este Hoggar de 1880. É um vinho excelente. Foi eu que ensinei esta gente a fazer vinho de uvas. O de palmeira, que não é mau quando fermentou bastante, acabaria por se tornar insípido. Bebfamo-lo lentamente, em grandes copos de prata. Era forte aquele Hoggar de 1880. Era fresco como vinho do Rheno, sêco como os da Ermitage. E de repente lembrava os vinhos licorosos de Portugal, tornava-se agucarado, sabia a

fruta... um vinho admirável, podes ter a certeza.

Com êle acompanhávamos um almôço todo espiritual: Poucas carnes, mas temperadas por conheeedor; muitos bôlos, fritos de mel, sonhos aromatizados, bonbons de leite coadilhado e tâmaras. E sôbre tudo, frutos servidos em grandes pratos vermelhos, e em cestos de vime; montanhas de frutos, figos, tâmaras, pistaches, jujubas, romãs, damascos, cachos de nvas maiores que os que fizeram curvar os ombros dos hebreus na terra de Canaan, melancias enormes, abertas ao meio húmidas e vermelhas, com filas de pevides negras.

Mal tinha eu tido tempo de tomar o gôsto a um destes belos frutos gelados, quando o sr. de Mesge se pôs em pé:

— Quando os senhores quiserem — disse — para mim e para Morhange.

— Deixem êsse idiota logo que possam — segredou-me o hétman de Jitimir. Vai comer o jôgo. Vai ver, vai ver. Muito mais forte, que em casa de Cora Pearl.

— Vamos, senhores? — repetiu sêcamente o sr. de Mesge.

Fomos com êle. Quando voltámos todos três à biblioteca:

— Senhor — disse êle, dirigindo-se a mim — perguntou-me ainda agora que poder occulto os detinha aqui. Visto as suas maneiras serem cominatórias, eu teria recusado obter, se não fosse por atenção ao seu amigo, cuja sciência lhe permite apreciar melhor que o senhor o valor das revelações que lhes von fazer. Dizendo, tocou numa mola que havia na parede, e appareceu um armário repleto de livros. Pegou num d'elles.

— Ambos os senhores — continuou — estão debaixo do poder de uma mulher. Esta mulher, a rainha, a sultana, a soberana absoluta do Hoggar, chama-se Antinea. Não se sobressalte sr. Morhange, vai acabar por comprehender.

Abriu o livro e leu:

Antes de entrar no assunto, devo prevenir-vos: não estranhéis que eu dê nomes gregos a bárbaros.

— Que livro é êsse? — balbuciou Morhange, cuja palidez naquele momento me assombrou.

— Este livro — respondeu lentamente o sr. de Mesge, pesando as palavras, com extraordinária impressão de triunfo — é o maior, o mais belo, o mais hermético dos diálogos de Platão, é o *Cricios* ou *A Allântida*.

— O *Cricios*?! Mas o *Cricios* não está completo — murmurou Morhange.

— Não está completo em França, na Europa, em tôda a parte — disse o sr. de Mesge — mas aqui está. Examine o exemplar que lhe passei às mãos.

— Mas que tem, que tem, repetia Morhange, percorrendo avidamente o manuscrito — que tem este diálogo completo, ao que parece, sim, completo, com essa mulher, Antinea? E porque está êle em seu poder?

— Porque — respondeu Le Mesge imperterritável — porque este livro é para essa mulher o seu livro de linhagem, como se fôsse o seu almanaque de Gotha, comprehende? Porque êle expõe a sua genealogia prodigiosa; porque ela é...

— Porque ela é?... — repetiu Morhange.

— Porque ela é neta de Neptuno, é a última descendente dos Atlantes.

CAPITULO IX

A ATLÂNTIDA

O sr. Le Mesge encarou Morhange triunfalmente; bem que só a êle se dirigia, que só o julgava a êle digno das suas confidências.

— Muitos são — disse — os officiaes francezes em estrangeiros que o capricho da nossa soberana Antinea, tem aqui trazido. Mas é o senhor o primeiro a quem faço a honra destas revelações. O senhor foi aluno de Berlioux e eu tanto devo à memória d'êste grande homem, que julgo prestar-lhe homenagem, communicando a um de seus discipulos, os resultados sem igual — ouso dizê-lo — das minhas investigações.

Tocou a campainha. Veiu Ferradji.

— Traga o café para êstes senhores — ordenou o sr. Le Mesge.

E estendeu-nos uma caixa pinturilada de cores berrantes, cheia de cigarros egipcios.

— Eu não fumo, — explicou — mas Antinea vem aqui algumas vezes. São cigarros dela. Sirvam-se.

Detestei sempre êsse tabaco claro, com que qualquer official de cabeleireiro da rua Michodiêre pode dar-se a ilusão dos prazeres orientais. Mas nesta ocasião, êsses cigarros almiscerados não deixavam de ser agradáveis. E, para mais, havia muito que se tinha acabado a minha provisão de tabaco.

— Aqui está a coleção da *Vie Parisienne* — disse-me Le Mesge. — Entretenha-se com ella, se lhe interessar, enquanto eu falar com o seu amigo.

— Senhor — respondi energicamente — é certo que não fui aluno de Berlioux. Todavia há-de permitir-me que escute a sua conversa; tenho esperança de vir a achá-la interessante.

— Como quiser — respondeu o velhote.

— Se bem que eu entenda que em matéria de erudição se deve manter objectividade completa, não me é possível separar inteiramente a minha própria história da história



da última descendente de Clito e de Neptuno. Tenho pena, mas, ao mesmo tempo, tenho honra nisso. O que sou, a mim o devo; logo em pequeno me fez impressão o prodigioso impulso que as sciências históricas receberam no século XIX. Vi qual era a minha carreira. E segui-a, a despeito de tudo e de todos, é verdade. Sem outros recursos que os do meu trabalho e do meu talento, fui aprovado como agregado de história e geografia no concurso de 1880. Um grande concurso. Nos treze aprovados, nomes que depois se tornaram ilustres: Jullian, Bourgeois, Anerbach... Não quero mal aos meus colegas que hoje gosam das mais altas honorarias oficiais. Leio com consideração os seus trabalhos, e os deploráveis erros a que os condena a insuficiência da sua documentação amplamente me compensariam de meus dissabores universitários e me encheriam de irônico prazer, se de há muito eu não estivesse já acima de tais satisfações do amor próprio. Sendo eu professor do liceu do Parque, em Lião, conheci ali Berlioux e segui, com entusiasmo, os seus trabalhos sobre a história da Africa. Lembrei-me por esse tempo de apresentar uma tese de doutoramento muito original. Queria um paralelo entre a heróica bérbere do século VII, que lutou contra os invasores árabes a Zahena, e a heroína francesa que lutou contra os invasores ingleses, Joana d'Arc. E propus à Faculdade de Letras de Paris este objecto de tese:

Joana d'Arc e os Tuaregues

«Bastou este simples enunciado para levantar no meio científico geral surpresa e



ineptas gargalhadas. Alguns amigos me advertiram discretamente. Ao princípio não quiz eu acreditar. Mas tive de render-me à evidência quando, um dia, o reitor me mandou chamar e, manifestando pelo meu estado de saúde um interesse que me surpreendeu, acabou por me perguntar se me não agradaria uma licença de dois anos, com metade do vencimento. Recusei, indignado. Não insistiu o reitor, mas, passados quinze dias, saía um decreto que, sem outra forma de processo, me nomeava para um dos mais insignifican-

tes e remotos liceus de França, o de Mont-de-Marsan.

«Compreende como eu estava ofendido e há de desculpar os excessos a que me entreguei naquele departamento distante. Que se há de fazer nas Landes senão comer e beber? e bebi ardentemente. Iam-se os vencimentos em figados de pato, galinholas e vinhos leves. O resultado não tardou a ver-se. Em menos de um ano, começaram-me as articulações a estalar, como os cubos excessivamente untados das rodas de uma bicicleta depois de longa corrida em pista poeirenta. Caí de cama com um ataque de gota. Felizmente naquela terra abençoada, ao pé do mal está o remédio. Nas férias abalei para Dax, a derreter os cristaisinhos que me affligiam.

«Aluguei uma casa na margem do Adour, no Passeio dos Banhistas. Vinha fazer a limpeza uma mulhersinha, que prestava o mesmo serviço a um velho juiz reformado, presidente da Sociedade Roger-Docos, vaga magna científica em que sábios de canto de província se entregavam com prodigiosa incompetência ao estudo das mais heteróclitas questões. Uma tarde a chuva obrigou-me a ficar em casa. Estava a mulhersinha a arear com fúria a maçaneta da porta. Servia-se duma pasta chamada Tripoli, que estendia num papel e esfregava, esfregava... Chamou-me a atenção o aspecto particular do papel. Fui ver. «Oh! Senhor! Onde é que você foi arranjar este papel?»

Ela atrapalhou-se. — Em casa de meu patrão, onde há rumas d'elles iguais a este. Arranquei-o dum caderno.

— Tome lá dez francos e vá-me buscar esse caderno. (Continua.)

CONCURSO DE O MUNDO PERDIDO

Atendendo à irregularidade das comunicações postais, prolongámos o prazo de recepção, tácitamente, até 15 de Fevereiro. Contadas então as respostas entradas, verificou-se que este concurso tivera

1167 CONCORRENTES

Entre estes concorrentes se verificou, porém, que só responderam, satisfatoriamente, escrevendo os dois provérbios, que eram:

I — Perde-se o velho por não poder e o moço por não saber

II — Quem não pode dormir acha a cama mal feita

a diminuta quantidade de

7 CONCORRENTES

pelo que decidimos atribuir os 7 primeiros prémios a estes sete primeiros concorrentes, deixando os restantes para engrossar a lista de recompensas do nosso próximo concurso. Reportando-nos ás nossas condições, publicadas já várias vezes, classificamos estes concorrentes pela maior ou menor aproxi-

mação do número de votos que lhes palpitou e os que entraram. Assim, atribuímos os

1.º PREMIO — História Universal de G. Oncken
N.º 826 — Sr. António Gomes da Costa — Rua da Prata, 108, 5.º — Lisboa (Palpite 13 respostas)

2.º PREMIO — Coleção Teófilo Braga
N.º 1163 — D. Hermengarda Peres — Rua General Freire, 12 — Vilar Formoso (Palpite 20 respostas)

3.º PREMIO a) — Obras Completas de Alexandre Herculano
N.º 414 — Sr. Joaquim de Moura — Bela Vista — Maputo — Africa Oriental (Palpite 275 respostas)

3.º PREMIO b) — Edição monumental dos Lusíadas
N.º 934 — D. Fernanda Melo Borges — Rua do Arco do Cego, 92, 1.º — Lisboa (Palpite 290 respostas)

3.º PREMIO c) — Edição monumental das Pupilas do Sr. Reitor
N.º 422 — Sr. Augusto Gonçalves Leal — Santarém — Pernes (Palpite 800 respostas)

5.º PREMIO d) — 70 volumes de Camilo
N.º 937 — Sr. Augusto Cesar de Brito — Amadora (Palpite 2.950 respostas)

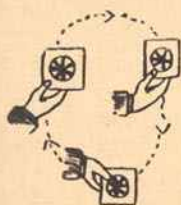
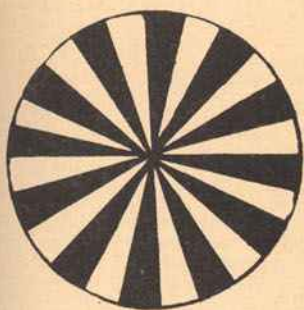
4.º PREMIO a) — Coleção Eça de Queiroz
N.º 102 — Carlos Octaviano de Passos — Bonfim, 300 — Porto (Palpite 8325 respostas)

Os prémios ficam desde já á disposição dos senhores concorrentes premiados, mediante abonação da sua identidade ou recibo autenticado para os que residirem longe.



Passatempo

ILUSÃO ÓPTICA



Se derem à figura aqui desenhada um movimento horizontal de rotação, fixando com os olhos o centro dela, verão formar-se aí um pequeno círculo acinzentado, pouco mais ou menos do tamanho de uma moeda de dez centavos. Quanto mais rápido for o movimento, maior parecerá o diâmetro do pequeno círculo. A figura que acompanha o diagrama representa o movimento aconselhado.

◆ ◆

Depois duma zanga o marido levanta-se da mesa, pega na bengala e no chapéu e dirige-se para a porta.

— Quando voltas? — pergunta-lhe a esposa, em tom de zombaria.

— Quando eu quiser!

— Pois sim, mas não venhas mais tarde!

◆ ◆

Um poltrão contava que numa questão que tivera, apanhára uma bofetada.

— Uma bofetada! mas houve conseqüências, decerto?

— Se lhe parece! andei com a cara inchada durante oito dias.

◆ ◆

Na pesca. Ela, vendo o marido saltar para um bote:

— Toma cuidado, a agua é funda, ha redemoinhos!

— Já te disse que não há perigo.

— Pois sim, não haverá! Mas em todo o caso, dá-me a tua carteira e o teu relógio.

— Os homens de génio — dizia um vaidoso — são sempre modestos.

— É evidente; — tornou-lhe outro — olhe, eu por exemplo, já me ouviu alguma vez gabar-me a mim próprio?

◆ ◆

Ella (para o marido): — O médico receitou-me águas, meu caro. Não podes recusar-me isso.

— Está visto que não, minha querida... de amanhã em diante, bebes água da Fonte do Cedro ao almoço e ao jantar.

◆ ◆

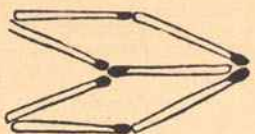
— Diz qualquer filósofo que a melhor maneira de curar uma paixão é fugir. Você acredita?

— Decerto; se se fugir com o objecto dessa paixão.

◆ ◆

OS DOIS RHOMBOS

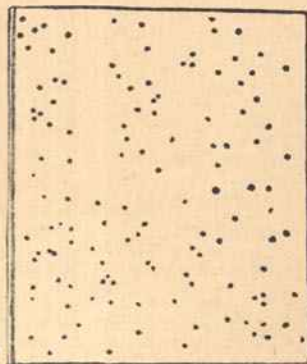
(Solução)



É esta uma das maneiras mais simples de resolver este problema.

O ATIRADOR E O CLOWN

(Paciência)

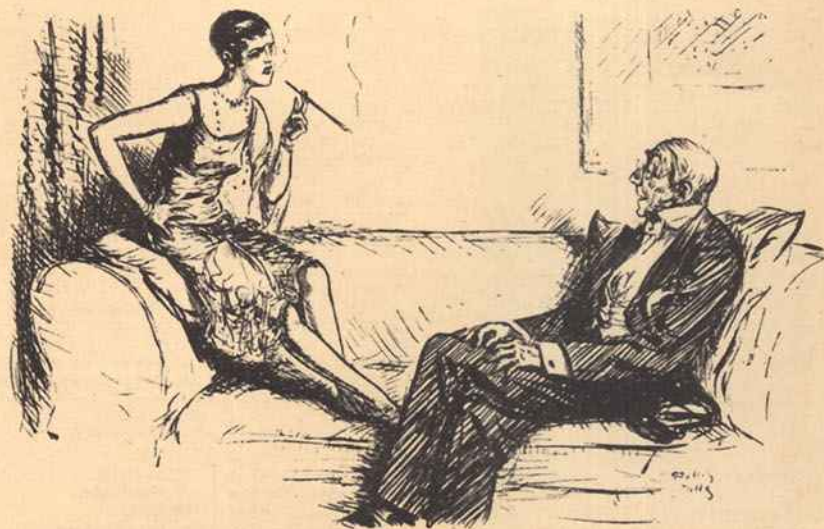


Funcionava num circo um atirador que, para provar ao público a infalibilidade da sua pontaria, colocava um clown em frente de um alvo, encostado a este, e em seguida crivava o alvo de balas, sem nunca tocar no clown.

Na gravura junta, pode vêr-se tanto o clown como o alvo, sendo cada um dos pontos marcados, o vestígio de uma das balas cravadas.

Quer-se saber a que parte do alvo estava o clown encostado, quando o atirador executou os seus tiros.

Com um bocado de paciência pode colocar-se sobre o alvo a figura do clown, sem encobrir nenhum dos pontos marcados.



Rapariga ultra-moderna: — Você, os velhos, são tão fáceis de compreender — não têm nenhuma das nuances subtilizadas modernas. Pode vêr-se imediatamente o que estão pensando.

O cavalheiro idoso: — Nesse caso, receio muito que v. ex.^a me ache extremamente malcriado.

(Do «Punch».)

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

EXTRACTO DA RELAÇÃO DAS OBRAS REGISTRADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA EM JANEIRO DE 1928

LITTERATURA

AGOSTINHO (JOSÉ) — *História da litteratura portuguesa*. — 20\$00.
 ALADINO — Contos transcritos por Maurício Bouchor, segundo a tradição oriental e africana. 71 p. c. grav. — 3\$00.
 ALVES MARTINS (ANTÓNIO) — *S. Francisco de Assis*. Poema. 154 p. 8.º c. capa il. — 10\$00.
 BALSEMÃO (JAIME DE) — *A Façã dos Miserandos* (contos). 219 p. 8.º — 12\$00.
 BRASCO (MERCEDIS) — *Como eu fui amada*. 157 p. 8.º — 10\$00.
 COUTO (MONS.º GUSTAVO) — *As línguas vernáculas e o funcionalismo colonial*. (Conferência). 18 p. — 3\$00.
 DELLY (M.) — *A pomba do castelo*. Trad. de Sousa Martins. 230 p. 8.º — 10\$00.
 FAGUET (EMÍLIO) — *Iniciação Illetrada*. Trad. de Chagas Franco. 3.ª ed. ampliada. 208 p. 8.º — 6\$00.
 FALCÃO DE CAMPOS (ALBERTO) — *Arco-Iris, Arco-da-Velha* (Versos). 153 p. 8.º c. o retr. do A. — 7\$50.
 LEITÃO DE BARROS (TEREZA) — *Escritoras de Portugal*. Gênio feminino revelado na litteratura portuguesa. I e II vol.ª — 30\$00.
 MENDONÇA (ANÍBAL) — *O Desterro*. Novela de conflitos. 114 p. 8.º c. capa il. por Hd. Salgueiro.
 MENDONÇA (ANÍBAL) — *Maria da Piedade*. Cânticos de amor em prosa. 100 p. 8.º.
 RAPOSO (HIPÓLITO) — *O Berço*. Drama da terra, em 3 actos. Des. de Norberto Correia. 180 p. 8.º — 7\$50.
 REBELO (ALBERTO) — *Bagos de romã*. Versos. Pref. de Vitoriano Braga. 62 p. c. capa il. por J. Barbosa (filho). — 5\$00.
 SETTE (MARIO) — *Sombras de baraaunas*. 106 p. 8.º — 6\$00.
 TAPETE (O.) — *O Tecelão Industrial*. O Dragão. Contos transcritos por Maurício Bouchor, segundo a tradição oriental e africana. 70 p. c. grav. — 3\$00.

GEOGRAFIA

ESCRITOS DE EL-REI D. PEDRO V, colligidos e pub.ª pela Ac. das Sc. de Lisboa. Vol. IV. 260 p. 8.º — 5\$00.
 REGISTO DA FREGUESIA DA SÉ, desde 1563 até 1610, pub. com introdução, notas e índices por B. Prestage e Pedro de Azevedo. Vol. II. 688 p. 4.º.

SCIÊNCIAS E ARTES

LEMOIS (VERGÍLIO DE) — *Equação geral da elasticidade nas construções*, com algumas applicações à prática. 45 p. c. grav.
 PIRES DE LIMA (J. A.) — *Alguns casos de atrofia congénita dos membros*. 402-429 p.
 PIRES DE LIMA (J. A.) & A. A. PIRES DE LIMA. — *A docença de D. Afonso VI e a anulação do seu matrimonio*. 22 p. c. o retr. do rei D. Afonso VI.

SCIÊNCIAS CIVIS

OLIVEIRA SANTOS — *Resposta às acusações que o americano professor Ed. Ross fez à administração dos portugueses em Angola*, num relatório que enviou à S. das N. em 1925 — 127 p. 8.º.
 PRADO COELHO (A. DO) — *Pascal e o catolicismo ortodoxo*. 52 p. — 5\$00.

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente todas as informações às consultas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

BELAS ARTES

ROSA (ILDEFONSO) — *Dactilografia Artística*: Camilo Castelo Branco — retr. do grande escritor feito exclusivamente à máquina de escrever. — 5\$00.

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO (JOAQUIM DE) — *A Livraria dum letrado do século XVI. Frei Diogo de Mirã*. — 32 p.
Exposição (1.ª) de ex-libris em Portugal. — 1768-1923. — 71 p. 8.º e grav.
 FONSECA (MARTINHO DA) — *Elementos bibliográficos para a história das guerras chamadas da restauração*. (1640-1668). — 129 p. 8.º.
 LARANJO COELHO (P. M.) — *A Biblioteca Municipal de Castelo de Vide* — (História de uma livraria). — 28 p.

CAMONIANA

RODRIGUES (JOSÉ MARIA) — *O Dr. Luciano Pereira da Silva e os estudos camonianos*. — 15 p.

«ENCICLOPÉDIA PELA IMAGEM»

E OUTRAS PUBLICAÇÕES

Recebemos mais dois tomos da *Enciclopédia pela Imagem*, que, obediente ao programa, continua a ministrar em cada um d'elles uma lição sintética mas completa das matérias versadas: *Os Molores e História da Arte*. No primeiro trata-se da força motriz, desde o seu emprêgo primitivo e elemental até à sua applicação aperfeiçoadíssima e complexa nos dias de hoje, por meio de maquinismos de grande potência, que se podem classificar de verdadeiras maravilhas de engenharia. Algumas das gravuras, aquellas que reproduzem os mais notáveis tipos de motores existentes em todo o mundo, deixam-nos pouco menos do que assombrados, tal a impressão de grandeza e, ao mesmo tempo, de harmonia, que nos incutem. No outro, *História da Arte*, de alcance ainda mais amplo, colhemos os dados essenciais sobre as progressivas manifestações artisticas do homem, em qualquer dos departamentos das chamadas artes plásticas. Não vem ali, evidentemente, a menção de todos os artistas do universo e de suas obras, que para tanto não chegariam dezenas de grossos volumes. Mas o que nestas páginas se encontra descrito, e também documentado pela gravura, é o esquema dos diversos ramos das artes através dos séculos e escolas, nos seus factos capitais e nos seus cultores mais célebres. Permitta-se-nos agora uma observação, genérica a todos os tomos da biblioteca e applicada, sobretudo, a este. Decerto os públicos portugueses e brasileiro a olhariam com maior reconhecimento se, pelo mesmo, quanto a alguns dos assuntos, vissem adicionados ao texto traduzido do francês capítulos especiais referindo a matéria em Portugal e no Brasil. Bem sabemos que o objectivo da collecção é fornecer conhecimentos gerais, mas vemos também que, sendo os diferentes temas versados só por publicistas francezes, estes, por peyor de desculpável, demoram-se mais nos acontecimentos e vultos do seu país, resumindo em demasia ou omitindo mesmo os concernentes aos outros povos. Na *História da Arte*, por exemplo, não destorcia um suplemento relativo ao movimento das artes plásticas

em Portugal e no Brasil, visto em conjunto, o que não dispensaria a organização de tomos privativos e mais circumstanciados para cada um dos seus ramos ou períodos históricos, como sabemos ser do plano dos editores.

Divulgações Jornalísticas de Justo de Lara, folheto que fixa uma interessantíssima conferência realizada no Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa, em Novembro de 1926, pelo sr. Enrique Molina, distinto membro do corpo diplomático acreditado no nosso país e publicista cubano de reputação inteligente e muito culta. Falando entre jornalistas, o conferente quis dar-lhes a conhecer um grande periodista da sua terra, pena de apurados dotes litterários, que se chamou D. José Maria de Armas y Cardenas e foi conhecido pelo pseudónimo de Justo de Lara. É um perfil de traços bem nítidos, desenhado por vezes com sentimento, e que o novel jornalista Adolfo Faria de Castro, nosso compatriota, verteu em lingua portuguesa.

O sr. Padre Valério Cordeiro imprimiu em um pequeno caderno a palestra que proferiu em sua casa em uma tarde de outono de 1926, para relatar a alguns amigos a maneira como viu o Brasil e foi ali recebido. Cabe aqui dizer que o autor é um dos espiritos mais cultos do nosso clero e a sua acção social, dentro do ateolismo, é bem fora da medida comum. Ultimamente tem-se dedicado à manutenção do Lar Universitario Feminino, que funciona em Lisboa e, em mais de um ano de actividade, já demonstrou a sua eficiencia. A palestra alludida prendese de perto com essa instituição de amparo moral ás raparigas que, longe das familias, cursam na capital estudos superiores.

Doutra utilissima iniciativa, esta consagrada à infancia doente, nos fala o opúsculo subscrito pelo sr. dr. Gomes de Araújo e intitulado *O Refúgio da Parálisis Infantil*. Esta casa de caridade existe no Porto e está exercendo uma acção que merece o apoio de todos os nobres espiritos. Ali são submetidas a um tratamento adequando as crianças ateadas pelo terrível mal, de cuja extensão no nosso país muita gente nem sequer suspeita. Este opúsculo pode considerar-se como esboço do Livro de Ouro da simpática Instituição portueusa.

Por último, registamos algumas das revistas que recebemos com regularidade: *ABC*, dirigida por Rocha Martins; *Alma Nova*, liça destinada ás novas gerações litterárias; *Brotéria*, que estabelece a aliança da religião e da sciencia, tendo há pouco comemorado, com um número especial, o 25.º aniversário da sua fundação; *A Gazeta das Aldeias*, velha publicação que vulgariza conhecimentos agronómicos, veterinários, caseiros, etc.; *A Guerra*, órgão da Liga dos Combatentes, que entrou já no seu segundo ano; *Labor*, do professorado secundário, visando a extensão cultural; *Música*, bem apresentada, com artigos e produções de inspirados compositores; *Nação Portuguesa*, que terça armas pela cultura nacionalista; *Revista Escolar*, versando problemas de ensino, como lhe compete; *Revista Insular e de Turismo*, dedicada aos interesses ilhéus; *Revista Portugal-América Portuguesa*, gallardo padrão das energias da nossa raça em terras do Novo Continente; *Scara Nova*, que insere bela collaboraçã litterária, entremeadada de artigos de critica social e de comentário politico; e *O Volante*, que em suas páginas dá realce à actividade automobilística.

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual		Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS	22\$00	43\$00	84\$00	ESPAÑA	47\$00	92\$00
Registados..	24\$40	47\$80	93\$60	Registados	51\$80	101\$60
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL	49\$00	96\$00	192\$00	BRASIL	52\$00	104\$00
Registados..	53\$80	105\$60	211\$20	Registados	61\$60	121\$20
INDIA, MACAU E TIMOR	53\$00	104\$00	206\$00	ESTRANGUEIRO	63\$00	124\$00
Registados..	57\$80	113\$60	227\$20	Registados	72\$60	143\$00

NUMERO AVULSO 4\$00



ULTIMAS OBRAS PUBLICADAS

PELA

MAIS ANTIGA E MELHOR COLECCÃO

DE

LIVROS TÉCNICOS PORTUGUESES

ELEMENTOS DE METALURGIA

É um volume de 424 páginas, com 121 gravuras, em que o seu autor, o sr. João Emílio dos Santos Segurado, desenvolve proficientemente todos os assuntos de que trata, tais como: Combustíveis, operações metalúrgicas, fabrico do ferro e do aço, descrição dos metais mais vulgares, dando ácerca de cada metal as suas propriedades, a sua análise química, os minérios susceptíveis de o produzir, os diversos processos de preparação e os diversos fornos e aparelhos usados.

1 volume, encadernado em percalina..... 20\$00

MANUAL DO MARCENEIRO

É um dos mais interessantes livros publicados ultimamente. O seu autor, sr. João Pedro dos Reis Colares, desenvolve, com a grande competência de um profissional distinto, todos os assuntos que dizem respeito ao artista marceneiro, de forma tão clara, que torna este livro muito útil também a todas as pessoas que queiram ter conhecimento deste atraente

oficio. Igualmente o amador de móveis encontrará nele um repositório dos estilos principais usados no mobiliário, sem ter de recorrer a custosas publicações estrangeiras.

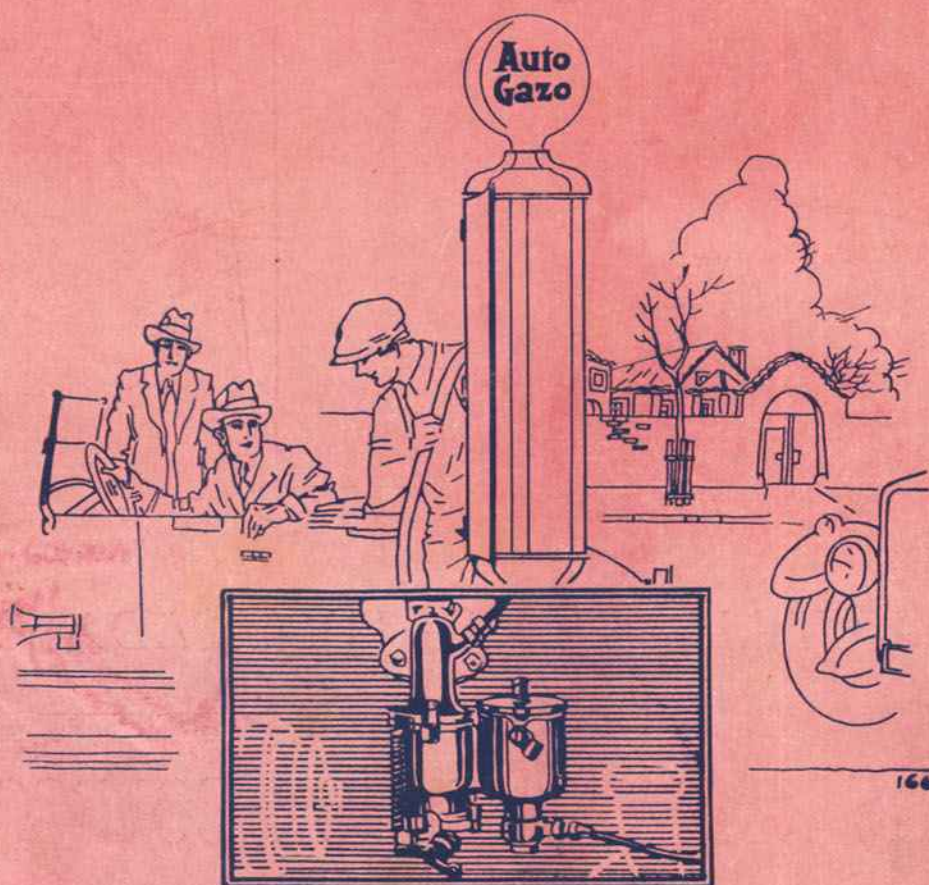
Um volume, encadernado em percalina, com cerca de 300 gravuras no texto e um album de mobiliário artístico 20\$00

MANUAL PRÁTICO DO FOTÓGRAFO

PELO SR. ANTONIO DAMASO DAS NEVES

É o último livro publicado em português sobre fotografia, que nos dá os conhecimentos técnicos dos diversos processos usados até a actualidade. Nele encontramos uma pequena descrição histórica, descrição do material fotográfico, laboratório e gabinetes escuros, galerias, processos de fotografia, objectivas, variedades fotográficas, etc.

Um volume encadernado em percalina, de 200 páginas, com bastantes gravuras elucidativas..... 12\$00



NÃO HÁ PANNES DE CARBURADOR

Desde que se empregue uma
gasolina filtrada e de qualidade
superior.

Auto-Gazo

É ESSA GASOLINA

Vacuum Oil Company